

IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS

**A TRANSMISSÃO
DO CARISMA AOS LEIGOS**

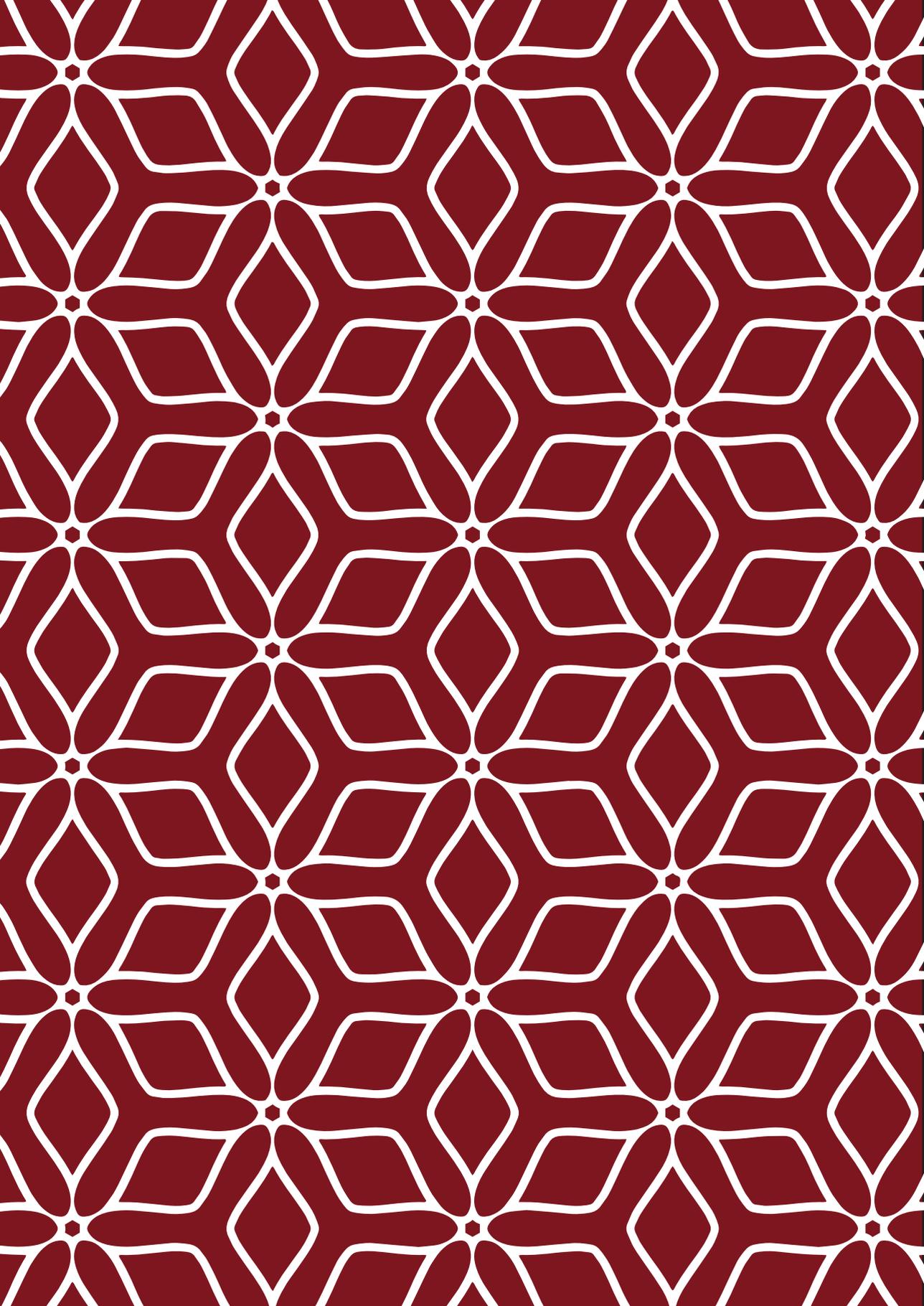
AUTOR

ANTONIO BOTANA, FSC

La  Salle

CADERNOS MEL

58



A transmissão do carisma aos leigos

ANTONIO BOTANA, FSC



**Irmãos
das Escolas
Cristãs**

CADERNO MEL N° 58 – Setembro de 2023

Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

Secretariado de Associação e Missão

Autor:
Antonio Botana, FSC

Coordenação Editorial: Sra. Ilaria Iadeluca e Ir. Alexánder González,
FSC comunicazione@lasalle.org

Layout: Sra. Giulia Giannarini ggiannarini@lasalle.org

Serviço de Comunicação e Tecnologia

Casa Generalícia, Roma, Itália

*** Esta obra foi publicada previamente em espanhol em: Frontera-Hegian.
Cadernos de Formação Permanente para Religiosos. 118. Vol. 4, 2022.**

Tradução do Espanhol ao Português: Irmão Hugo Bruno Mombach, FSC



Índice

PRÓLOGO	7
INTRODUÇÃO	10
PRIMERA PARTE	
UMA VIDA RELIGIOSA CAPAZ DE GERAR NOVA VIDA	13
Nosso filtro de leitura: o primeiro Isaías (Is 1–39)	14
1. Esperança na experiência de redução	16
<i>Esse toco ainda será uma semente sagrada</i> (Is 6,13)	
2. A proposta é avivar a vocação	19
<i>«Aqui estou. Envia-me»</i> (Is 6,8)	
3. O que este povo necessita?	21
<i>O caminho é este, por aqui debes andar!»</i> (Is 30,21)	
4. Peçamos para abrir os olhos	24
<i>«Pede um sinal ao SENHOR teu Deus»</i> (Is 7,11)	
5. Atrever-se a reconhecer os sinais	26
<i>«Pois bem, o próprio SENHOR vos dará um sinal»</i> (Is 7,14)	
6. Chamados a converter-nos em raízes	28
<i>Teus mortos, porém reviverão!</i> (Is 26,19)	

7. Os dons que nos abrem para a vida	30
<i>Sobre ele há de pousar o espírito do SENHOR (Is 11,2)</i>	
a) A experiência da comunhão	31
b) O dom do carisma	32
8. Nossos carismas se transformaram em rios	34
<i>O chão duro vai se mudar em pântano e o seco vai se encher de minas d'água (Is 35,7)</i>	

SEGUNDA PARTE

UMA VIDA RELIGIOSA MEDIADORA DO ESPÍRITO	38
Nosso filtro de leitura: o segundo Isaías (Is 40 a 55)	39
1. Sair da autorreferencialidade	41
<i>No deserto abri caminho para o SENHOR! (Is 40,3)</i>	
2. Um novo paradigma sustenta nossa mediação	43
<i>Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado (Is 43,18)</i>	
3. Refundar-se no carisma	45
<i>Olhai bem para a rocha de onde fostes tirados (Is 51,1)</i>	
4. Na vulnerabilidade de uma relação fraterna	49
<i>...Para que aos desanimados eu saiba ajudar com uma palavra (Is 50,4)</i>	
5. A transmissão do carisma	51
<i>Pus nele o meu espírito (Is 42,1)</i>	
5.1. A experiência do Espírito	51

5.2. Qual o papel da figura dos Fundadores na transmissão do carisma aos leigos?	53
6. Propor uma atitude vocacional	55
<i>Vinde procurar-me, ouvi-me e tereis vida nova</i> (Is 55,3)	
7. Processos de mudança	58
<i>Alarga o espaço de tua tenda</i> (Is 54,2)	
7.1. Processos para fazer caminho, passo a passo	58
7.2. Três correntes dinâmicas	60
7.3. Como lidar com as decepções ao longo do caminho?	63
8. A transmissão do carisma aos não-cristãos	64
<i>Eu mesmo lhe falei, mais ainda, eu o chame</i> (Is 48,15)	
9. Um seio para gerar: a comunidade	68
<i>Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora</i> (Is 43,19)	

TERCERA PARTE

UMA NOVA FAMÍLIA QUE ACOLHE A VIDA CONSAGRADA	72
Nosso filtro de leitura: o Terceiro Isaías (Is 56-66)	73
1. Uma nova criatura: a Família carismática	75
<i>Fará subir os alicerces que atravessaram gerações</i> (Is 58,12)	
1.1. Mudança de protagonismo	75
1.2. Família carismática e família eclesial	79
2. Os novos portadores do carisma	81
<i>O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim</i> (Is 61,1)	

3. A volta às periferias, fonte de vida	85
<i>Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres (Is 61,1b)</i>	
4. O desafio de inovar a comunhão	89
<i>Trarão do meio de todos os povos vossos irmãos que lá estavam (Is 66,20)</i>	
4.1. Dinamismo de comunhão	89
4.2. Comunidades intencionais	91
4.3. Participação na família carismática	95
5. Um projeto de espiritualidade para o mundo	97
<i>Sobre as tuas muralhas, Jerusalém, pus guardas a te vigiar, eles vigiam noite e dia, todo o tempo, sem descanso. Vós que sempre celebrais o SENHOR, não tendes descanso (Is 62,6)</i>	
6. O futuro das famílias carismáticas	100
<i>Todos estes foram reunidos para virem a ti (Is 60,4)</i>	
6.1. “Abraçar o futuro com esperança”	100
6.2. Filhas da Igreja-Comunhão	102
6.3. Animação corresponsável da família	103
6.4. Uma família capaz de gerar a vida consagrada em seu interior	107
BIBLIOGRAFIA	111

PRÓLOGO

Provavelmente vocês já devem ter ouvido falar do Irmão Antonio Botana, já leram alguns de seus escritos ou ouviram algumas de suas palestras. Ele é o autor de várias publicações lassalistas que foram traduzidas e distribuídas em todo o mundo lassalista. Para citar as mais significativas: *“Associação Lassalista: a história continua”* (2000, Caderno MEL nº 2)¹, *“Vocabulário Temático da Associação Lassalista”* (2008, Ensaio Lassalista nº 3), *“Bases para um modelo contemporâneo de Família Lassalista”* (2008, Ensaio Lassalista nº 4), além de outros escritos como *“A história da espiritualidade lassalista”* (2013)² e *“Uma jornada de oração guiada por J. B. de La Salle”* (2016)³.

Há muitos anos o Ir. Antonio vem acompanhando a formação para a missão compartilhada de muitas congregações do mundo de língua espanhola. Recentemente, ele participou como conferencista nos Encontros de Famílias Carismáticas que se realizam em nossa Casa Geral, em Roma... e acaba de publicar um texto muito interessante em uma revista espanhola de Vida Religiosa, que agora colocamos em suas mãos.

O documento que você está prestes a ler é dirigido às congregações e às famílias carismáticas em geral. Por essa mesma razão, pensamos que essa abordagem eclesial, oferecida a todas as congregações religiosas, também pode ajudar a nós Lassalistas a valorizar os caminhos da missão e da associação compartilhadas, e a sinodalidade que nós mesmos temos seguido por muitos anos.

Respeitamos o texto original da publicação, que é dirigida tanto aos membros religiosos quanto aos leigos comprometidos que estão construindo as respectivas famílias carismáticas. Por meio dos textos do profeta Isaías, o autor nos conduz e nos envolve em sua reflexão. No final de cada tema, ele nos oferece algumas *“pistas para reflexão pessoal e comunitária”*, que cer-

1 Os cadernos MEL podem ser encontrados em: <https://www.lasalle.org/publicaciones/cuadernos-mel/>

2 A resenha desta publicação está em: <https://espiritualidad.lasalle.es/el-relato-de-la-espiritualidad-lasaliana-libro/>

3 Versão em PDF em: <https://ciencia.lasalle.edu.co/cgi/viewcontent.cgi?article=1060&context=libros>

tamente serão uma ajuda pedagógica para aprofundar o documento em nossas comunidades lassalistas, e nós o encorajamos a fazê-lo.

Gostaríamos de agradecer à Editorial Frontera – Hegian⁴ por nos autorizar a tradução e publicação interna da sua iniciativa editorial.

Obrigado ao Irmão Antonio Botana por seu esforço constante, resiliente e profundo para colocar em palavras o que o Espírito parece estar dizendo não apenas aos lassalistas, não apenas às congregações, mas a toda a Igreja. Obrigado por sua voz profética, tão procurada e reconhecida além de nossas próprias comunidades. Estamos convencidos de que ela também será uma palavra esclarecedora para nossas comunidades.

Sra. Heather Ruple e
Irmãos Néstor Anaya e Paco Chiva.
Secretaria de Associação e Missão.
Roma, 1º de junho de 2023.

4 Cuaderno nº 118 (vol. 4-2022) 95 páginas. Vitoria-Gasteiz, España 2022

INTRODUÇÃO

CANTA, Ó ESTÉRIL, TU QUE NÃO
MAIS DÁS À LUZ!
(Is 54,1)

Os carismas fundacionais que deram origem a tantas instituições religiosas e famílias carismáticas podem ser transmitidos aos fiéis sem que eles tenham que se tornar membros do instituto religioso correspondente? E quem pode transmitir o carisma se não o Espírito Santo, que é o seu autor? A vida religiosa, tendo sido a principal depositária desses carismas, ainda tem algum papel a desempenhar? E, em caso afirmativo, qual é o seu papel como mediadora do Espírito para dar continuidade aos carismas fundacionais, em que condições deve fazê-lo e quais serão as consequências para si mesma e para seus destinatários?

Estas são as perguntas que estão no centro de nossa reflexão e às quais tentaremos responder nestas páginas. A estrutura na qual nos situamos é a da *Igreja-Comunhão*, esse ecossistema eclesial que vem tentando se desenvolver e crescer desde o Concílio Vaticano II e que introduz um novo modelo de relações entre os membros da Igreja. E a vida religiosa, cuja função mediadora queremos destacar, é aquela que hoje parece estar sendo marcada pela *redução*.

Uma vida religiosa em processo de redução, ameaçada até mesmo pelo desaparecimento e pela morte... não deveria se preocupar consigo mesma, em fornecer os meios para sobreviver? Que capacidade ela pode ter para infundir o espírito de uma nova vida em outros fiéis? Não seria essa uma maneira de escapar para não enfrentar seus próprios problemas? E ainda, a inevitável suspeita para outros: parece ser uma busca resignada por um substituto fácil para continuar os trabalhos que o pessoal religioso já é incapaz de manter.

Precisamos fazer uma leitura objetiva da realidade, mas uma leitura de pessoas de fé, não míope. Uma leitura que nos permita contextualizar nosso presente reduzido, bem como cada uma de nossas vidas e de nossas instituições no panorama da História da Salvação. Para percorrer este caminho, recebemos a Sagrada Escritura. Mas não procuremos nela respostas concretas para nossos problemas cotidianos. Nela são nos dadas luz e chaves, as chaves da História da Salvação. Luz e chaves que nos permitem ver e reconhecer as respostas que encontramos em nossa história diária, nos eventos que precisamos viver. Essa é a luz que ilumina nosso presente para que o vejamos como parte de uma história da qual Deus é o Senhor.

Na reflexão que oferecemos aqui, nos deixamos iluminar particularmente por um livro da Sagrada Escritura: Isaías. Sua luz nem sempre é agradável, nem mesmo quando ele se propõe a consolar seu povo (cf. Is 40,1). Mas é uma luz profética que realiza ao mesmo tempo duas ações: denunciar a infidelidade do povo, esfregando em seus olhos a realidade da redução que está sofrendo a ponto de ser um remanescente pouco visível; e anunciar a misericórdia criativa de Deus, que produz novos caminhos no deserto e que torna prodigiosamente frutífero o que era estéril, capaz de ressuscitar seu servo da sepultura e reunir um novo povo a partir do pequeno remanescente de Israel, com pessoas que vêm de fora, às quais confia seu Espírito. E, diante da surpresa e da perplexidade desse pequeno remanescente que não entende o que está acontecendo, o profeta lhes anuncia: *“Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do SENHOR”* (Is 55,8).

O profeta tem a capacidade de ver o que a maioria não vê. E não porque ele seja um adivinho, mas por causa de sua determinação de olhar além do aparente, motivado pela esperança que vem de sua fé na aliança que Deus fez com seu povo. Ele sente a ação de Deus rompendo o emaranhado de eventos e converte em imagens o dinamismo e a direção que captou na ação de Deus. Dessa forma, ele nos oferece um *filtro de leitura* para entender nossa realidade na fé: ele nos ajuda a abrir nossas mentes para vislumbrar os planos de Deus e nos tornarmos instrumentos eficazes na sua execução, e não obstáculos. Mesmo que seus caminhos não coincidam com os caminhos que percorremos. Com a consciência de que os caminhos de Deus são sempre os melhores, mesmo que para nós pareçam tortuosos.

O livro de Isaías contém, na realidade, as mensagens de três profetas que viveram em épocas diferentes: o primeiro, que dá nome ao livro, antes do exílio, na segunda metade do século VIII a.C.; o segundo durante o exílio, no século VI a.C.; e o terceiro depois do exílio, logo depois do retorno dos repatriados e do seu encontro com outros grupos que haviam permanecido no país. Cada uma dessas mensagens, com seus próprios sotaques, servirá de referência para cada uma das três partes em que desenvolvemos nosso trabalho.

PRIMEIRA PARTE

UMA VIDA RELIGIOSA

CAPAZ DE GERAR VIDA NOVA

NOSSO FILTRO DE LEITURA: O PRIMEIRO ISAÍAS (Is 1 a 39)

O profeta que dá nome ao livro de Isaías vive na segunda metade do século VIII a.C., na época anterior ao desterro da Babilônia. Sua mensagem está marcada por dois eixos referenciais:

- Por um lado, a consciência de ser um mediador entre Deus e seu povo: *“Ouvi, então, a voz do SENHOR que dizia: ‘A quem enviarei? Quem irá por nós’». Eu respondi: «Aqui estou! Envia-me»*. Ele me disse: *«Vai dizer a esse povo: ‘Ouvi bem, mas sem entender, vede bem, mas sem perceber’.*” (Is 6, 8-9). Ele é enviado, essa é sua vocação. É uma memória que lembra ao povo da aliança o que Deus fez com ele: *“Escutai, ó céus! Atenção, terra, é o SENHOR quem fala: ‘Filhos fiz crescer e prosperar, mas eles se rebelaram contra mim’*” (Is 1, 2). Uma aliança que não se expressa em termos jurídicos, mas em uma relação de amor, para a qual Isaías usa várias imagens, como a parábola da vinha, tão frequente no Antigo e no Novo Testamento: *“Vou cantar para meu amigo versos de amor por sua vinha. (...) Que mais deveria eu ter feito por meu vinhedo, que deixei de fazer?”* (5,1-7).
- Consequentemente, e esse é o outro eixo, o profeta está atento para ler a realidade do povo, a realidade religiosa, social e política; e nessa leitura ele denuncia o pecado, as infidelidades do povo; e o chama à conversão, que não se reduz a um relacionamento litúrgico com Deus, mas ao direito e à justiça dentro do povo: *“Quando estendeis as mãos para mim, desvio o meu olhar. Ainda que multipliqueis as orações, de forma alguma atenderei, porque vossas mãos estão sujas de sangue. Lavai-vos, limpai-vos, tirai da minha vista as injustiças que praticais. Parai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem, buscai o que é correto, defendei o direito do oprimido, fazei justiça para o órfão, defendei a causa da viúva.”* (Is 1, 15-17). *“São será libertada pelo direito, seus cativos, pela justiça”*. (Is 1, 27). Com essas condições, ele recorda ao povo as promessas de Deus e o exorta a reavivar sua esperança messiânica: *“Naquele dia haverás de dizer: ‘Eu te agradeço, Senhor: estavas irado contra mim, mas deixaste a tua ira e de mim tiveste compaixão. Eis o Deus que me salva, eu confio e nada temo! O SENHOR é minha força e meu alegre canto. O SENHOR é a minha salvação”* (12,1-2).

O povo está vivendo um período de contenção. E Isaías, longe de esconder esse fato, o enfatiza com força e o descreve em termos extremos, com a finalidade de apontar para a salvação que, em última análise, vem de Deus, sempre fiel à sua promessa: *“Mas se sobrar apenas uma décima parte, se, mais uma vez, for cortado como carvalho, que, depois de derrubado, só deixa o toco, esse toco ainda será uma semente sagrada.”* (Is 6, 13). *“Acontecerá, então, que os que restarem em Sião, os sobreviventes de Jerusalém, serão chamados santos, inscritos para a vida em Jerusalém.”* (Is 4, 3). E esse remanescente será o ponto de partida para um novo Israel que, ao retornar do exílio, alcançará uma dimensão mais universal: *“Sim, o SENHOR terá compaixão de Jacó, continuará escolhendo Israel, vai assentá-los na sua terra, o migrante vai juntar-se a eles, integrando a casa de Jacó.”*(14,1).

Na situação social em que está imerso, cada vez mais deteriorada e politicamente mais precária, o profeta traz os sinais de esperança apresentados pelas crianças do *“Livro de Emanuel”*, como são conhecidos os capítulos 7 a 12 de Isaías. No centro dessas crianças está aquele chamado Emanuel, *“Deus entre nós”*. Seu nascimento é um símbolo de que Deus acompanha o povo e o salva quando tudo parece perdido.

1. Esperança na experiência de redução

Esse toco ainda será uma semente sagrada (Is 6,13)

Isaías nos transmite uma leitura da realidade de seu povo, feita com duas perspectivas complementares: um critério de realismo que faz o povo reconhecer o colapso que está sofrendo em todos os sentidos, na vida religiosa, na solidariedade e na justiça social, na consistência nacional diante de ataques externos. A descrição é feita com tons sombrios e impiedosos: *“Ai! Gente pecadora, povo carregado de crimes, geração de malfeitores, filhos degenerados! (...) vosso país está arrasado, vossas cidades, destruídas pelo fogo, a as terras, bem diante dos vossos olhos”* (Is 1, 4.7). Mas também um critério de fé e esperança, porque a aliança do Senhor é inquebrantável, e Ele está determinado a salvar um remanescente com o qual vai ocorrer a restauração do povo, ou melhor, um novo povo vai surgir: *“Naquele dia, o que o SENHOR fará brotar será todo glória e esplendor, e a produção do país será brilho e beleza para os sobreviventes de Israel.”* (Is 4, 2).

A consciência de precariedade

A Vida Consagrada de hoje está passando por uma forte experiência de *redução*, como não se via há vários séculos. Esse fenômeno não afeta apenas alguns Institutos ou alguns tipos de Vida Religiosa, nem é exclusivo de um país ou de uma cultura. Certamente, o fenômeno é mais virulento no Ocidente e nos países economicamente mais desenvolvidos, e alguns Institutos o enfrentaram melhor do que outros. Mas trata-se de um fenômeno global e mundial, ao qual uma análise simplista não faria justiça, pois há muitos fatores que impactam sobre ele: sociológicos, culturais, religiosos, eclesiais, ou do choque de paradigmas que a Vida Religiosa carrega consigo de sua herança passada com os que hoje estão sendo impostos na sociedade, mas também dentro da Igreja.

Não é nosso objetivo agora analisar esse fenômeno, mas observar a reação da Vida Consagrada, dos Institutos de vida consagrada a esse fenômeno, que não se reduz a uma mudança circunstancial, ocasional ou acidental, onde

tudo consiste em esperar pacientemente que tudo volte ao seu curso anterior. Trata-se de uma *mudança de época*, e nada será como antes.

Toda mudança de época traz consigo o desaparecimento de muitas entidades pertencentes à época anterior, a transformação de muitas outras e o nascimento de novas. A *imutabilidade* não pertence a este mundo. Não haverá subsistência sem adaptação, e mesmo a adaptação não garante essa subsistência.

A consciência da precariedade vem tomando forma em nós, religiosos e religiosas, com relação às nossas respectivas instituições. Nossas obras e estruturas mais poderosas não conseguem disfarçar a fragilidade de sua existência. Essa consciência é, em si mesma, positiva; e é necessário evitar a tentação de permanecermos presos na inércia de uma falsa segurança que nos embala na rotina de formas e hábitos herdados.

A constatação de nossa precariedade suscita reações muito diversas, até mesmo opostas. Há a postura negacionista: “*Não é possível que desapareçamos. Somos importantes demais. Deus dará um jeito*”. E a resignação passiva, que consiste em se deixar levar com um “*seja o que Deus quiser*”. E a obstinação daqueles que tentam resistir, ancorando-se em estruturas ultrapassadas, porque “*a Vida Consagrada está acima das modas*”. E o desânimo daqueles que se esforçam para tornar sua instituição religiosa conhecida e “*não conseguem vocações*”.

Critério de leitura

Não basta estarmos cientes de nossa precariedade. Precisamos tomá-la como critério para ler a vida¹. Isso nos levará a duas convicções::

- A mais imediata é a *descentralização*, parar de olhar para o próprio umbigo: nossa instituição, cada uma das instituições da vida religiosa não é indispensável. Todas elas podem desaparecer e, de fato, isso aconteceu com quatro quintos das Ordens e Institutos religiosos fundados na

1 Cf. A. POTENTE. *É vida e é religiosa. Uma vida religiosa para todos*. Ed. Paulinas, Madri, 2018, pág. 10.

história da Igreja. A consagração religiosa é apenas uma forma de viver existencialmente a consagração batismal. Esta é essencial, a outra é apenas um meio. Assim também acontece com a vida religiosa em relação à vida cristã: uma é essencial, a outra é apenas um meio, por mais importante que seja o serviço que presta à vida cristã como memória do modo de vida de Jesus, função que não lhe pertence de forma exclusiva.

Sentir-nos assim, com essa consciência de nossa transitoriedade, deve nos levar a voltar nosso olhar para o que nos une aos outros membros da Igreja: nossa consagração batismal, nosso seguimento de Jesus, nossa vida cristã, nossa busca e proclamação do Reino de Deus. E a perguntar-nos o que nossas instituições podem realmente oferecer à Igreja.

- A segunda convicção, paralela à anterior, é a resposta a esta pergunta: o que é mais valioso em nós do que a própria instituição? Que presente recebemos que foi a causa de nossa existência? A resposta aponta para o *carisma fundacional*. A partir da convicção acima, assumimos que esse é um dom dado à Igreja para desenvolver sua missão, e não pertence à instituição religiosa.

O efeito de olhar para si mesmo quando todo o corpo está encolhendo é o desamparo, a desistência, o desânimo. Parece que estamos no limite de nossas forças... Para onde Deus está apontando nessa situação, em nossa redução? É para lá que temos de olhar. As palavras do profeta chegam até nós: “Então, o que era deserto virá a ser um bosque e o que era um bosque será uma floresta” (Is 32, 15). Estamos descobrindo o caminho que Deus está abrindo na Igreja? A Vida Religiosa tem um papel decisivo a desempenhar nesse caminho, mesmo que já pareça ser apenas um resto. A esse remanescente, Deus faz a promessa: “Esse toco ainda será uma semente sagrada” (Is 6, 13). Tudo depende da nossa capacidade de descobrirmos em nós mesmos a semente que está esperando para ser semeada.

2. A proposta é avivar a vocação

«*Aqui estou, envia-me*» (Is 6,8)

A leitura que Isaías faz da situação de seu povo não é a de um observador que narra com mais ou menos objetividade o que não o afeta pessoalmente. Pelo contrário, Isaías se sente duplamente envolvido: como membro desse povo cuja situação está sofrendo intensamente, e como israelita que ama seu Deus e também sofre o rompimento de uma aliança que o povo esqueceu. Ele confessa que pertence ao povo pecador: *“Sou um homem de lábios impuros, vivo entre um povo de lábios impuros”* (Is 6, 5). E mesmo sabendo que não era digno, ele se sentiu chamado por Deus para ser sua voz entre o povo, para denunciar a infidelidade deles e, ao mesmo tempo, dar-lhes motivos para ter esperança e confiar no Senhor. É o próprio Deus que o capacita: *“Agora que isto tocou os teus lábios tua culpa está sendo tirada, teu pecado, perdoado”* (Is 6, 7). E é nessa encruzilhada de pertença a Deus e ao povo que ocorre a experiência mais profunda do profeta; o que ele deve fazer não será por sua própria iniciativa, mas porque Deus o envia: *“Ouvi, então, a voz do SENHOR que dizia: “A quem enviarei? Quem irá por nós?” Respondi: “Aqui estou! Envia-me”* (6,8).

O primeiro eixo de nossa Vida Religiosa

O primeiro eixo sobre o qual se constrói a personalidade do profeta é sua vocação: ser chamado, saber que é enviado e que é um instrumento de Deus. Esse também é o primeiro eixo que devemos renovar e vivificar em nossa Vida Religiosa, cujo propósito não é manter uma estrutura institucional, mas responder ao chamado de Deus, servir como instrumento para manter vivo na Igreja e para todos os cristãos o compromisso com a radicalidade do Evangelho.

É difícil que em uma situação de crise tão forte como a que a Vida Religiosa está sofrendo hoje, onde a ameaça é a sua própria extinção, seja feita a proposta de reavivar a vocação. Talvez muitos estejam inclinados a expressar este desejo: *“Ensinem-nos a morrer com dignidade”*. Mas *“a arte de morrer bem”* não

é o objetivo deste caderno. Pelo contrário, nós nos deixamos iluminar pela mensagem de Isaías, que anuncia a vida onde parece não haver esperança e apresenta o resto de Israel como o ponto de partida de uma nova criação (cf. Is 4,2-3).

A Vida Consagrada não é atemporal

Mas a nova criação não é uma repetição do mesmo, nem uma extensão de uma forma de vida. Nas últimas décadas surgiram na Igreja muitas instituições religiosas novas: muitas delas nada mais são do que reedições de formas de Vida Consagrada pertencentes ao passado, a outra época, a outra cultura, a outra Igreja. Parece que o sagrado deve ser atemporal, e a Vida Consagrada deve se colocar nessa categoria do sagrado e significá-lo com a sua *“atemporalidade”*. É uma prisão na qual nos confinamos e com a qual damos as costas à novidade que o Espírito traz².

Há, forçosamente, uma descontinuidade entre a Vida Religiosa que experimentamos e essa nova criação que o Espírito está impulsionando. As rupturas são sempre difíceis e dolorosas, de modo especial quando envolvem elementos que cercamos com a aura do sagrado. E quanto mais ancorados estivermos nas velhas estruturas, mais difícil será reconhecer o novo que está nascendo, de tal forma que a acusação que Isaías tem a transmitir se cumpre em nós: *“Vai dizer a esse povo: ‘Ouvi bem, mas sem entender, vede bem, mas sem perceber!’ (Is 6,9).*

Quando reconhecemos como um sinal do Espírito a confusão e a incerteza que hoje abalam a Vida Religiosa, estamos prontos para o próximo passo: perguntar a nós mesmos o que o Espírito está criando e o que Ele espera de nós para contribuir com a vida que está nascendo. Dessa forma, a vocação se torna viva em nós e, sem medo de ver morrer a estrutura institucional que nos sustentou, faremos nossa a experiência do profeta: *“A quem enviarei? Respondi: Aqui estou, envia-me”*.

2 Cf. R. COZZA. Nenhum carisma basta por si mesmo. O final dos espaços fechados. Ed. Paulinas, Madri, 2001, pág. 159.

3. O que este povo necessita?

O caminho é este, por aqui debes andar! (Is 30,21)

A pergunta que encabeça esta seção acompanha a vida do profeta, como consequência de seu compromisso vocacional. Para poder realizar a mediação que Deus lhe confia, ele deve ler atentamente a situação do povo, as escolhas de seus líderes, a coerência entre as formalidades religiosas e a justiça, as condições de vida dos pobres e dos desvalidos... *“Quando entraís para ver a minha face, quem vos pediu para fazer isto, passear nos meus átrios? Parai de trazer oferendas sem sentido! Incenso é coisa aborrecida para mim! ..., não suporto maldade com festa religiosa”* (Is 1, 12-13). *“Ao meu povo é um moleque quem governa, seus senhores são mulheres. Povo meu, os que te conduzem te desviam, e embaralham o caminho dos teus passos. Por que esmagar o meu povo? Por que triturais o rosto dos pobres?”* (3,12.15).

E depois do discernimento virá a denúncia que pede a conversão e a proclamação do Deus que salva: *“Os surdos nesse dia vão ouvir a leitura das palavras deste livro e, sem névoa ou escuridão, os olhos dos cegos hão de ver. Os humilhados encontrarão a cada dia mais alegria no SENHOR, e a festa da gente mais pobre será o Santo de Israel”* (Is 29, 18-19). *“O SENHOR espera a hora de vos perdoar. Ele toma a iniciativa de mostrar-vos compaixão, pois o SENHOR é um Deus justo – felizes os que nele esperam! Sim, povo de Sião, cidadão de Jerusalém, não debes chorar tanto, ele vai se interessar pelo clamor da tua súplica. Basta ouvir, e ele responde. O SENHOR vos dará, sim, pão de crise, água racionada, mas, depois, teu Mestre não se esconderá mais, teus próprios olhos hão de ver aquele que te ensina. Sempre que estiveres para te desviar para um lado ou para outro, poderás ouvir atrás de ti a palavra de Quem te orienta: “O caminho é este, por aqui debes andar!”* (30,18-21).

Uma pergunta de dentro do povo

Do que essas pessoas precisam? Se vivemos com a consciência de que o significado de nossa vida vem do fato de sermos chamados por Deus, essa é a pergun-

ta que deve estar perturbando nossos pensamentos. Mas a resposta não será a mesma se a pergunta tiver sido feita de fora ou de dentro do povo; não será a mesma se quem a faz se sentir superior ao povo ou pertencente ao povo.

O Concílio Vaticano II propõe uma figura de Igreja à qual dedica todo o capítulo 2º da sua Constituição “*Lumen Gentium*” sob o título “*O Povo de Deus*”.

Um povo no qual “*todos os fiéis cristãos, de qualquer condição e estado (...), são chamados pelo Senhor, cada um a seu modo, à perfeição daquela santidade pela qual o próprio Pai é perfeito*” (LG 11). O mesmo capítulo lança as bases para reconstituir o tesouro comum desse Povo, do qual Cristo fez “*um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai*”, e no qual todos são consagrados pelo batismo, testemunhas de Cristo pela confirmação do Espírito Santo e enriquecidos pelo Espírito Santo com diversos carismas (cf LG 10-11).

No período pós-conciliar, a Igreja continuou aprofundando sua identidade de Povo de Deus que encarna a aliança renovada em Cristo, e a expressou repetidamente como “*Igreja-Comunhão*” (cf. *Christifideles laici*), ressaltando a profunda relação existente entre os diversos estados de vida dos membros que a compõem, pois todos “*estão de tal modo inter-relacionados que se ordenam uns aos outros. Certamente o seu significado profundo é comum – ou melhor, único – na medida em que constituem uma modalidade segundo a qual se vive a igual dignidade cristã e a vocação universal à santidade na perfeição do amor*” (ChL 55.3).

Poderia a Vida Consagrada ficar à margem dessa recuperação da Igreja em sua consciência de “*povo*” ou de “*Igreja-Comunhão*”? Poderia ela continuar com sua mentalidade secular de “*estado de perfeição*” e com a correspondente lógica de separação do resto dos fiéis?

“*O sabor espiritual de ser povo*”: esse é o título da seção da *Evangelii Gaudium* (268-274), na qual o Papa Francisco nos convida a reconhecer e saborear essa pertença, como condição para sermos evangelizadores com espírito (EG 268). E não se trata de algo incidental, porque está diretamente ligado à nossa vocação, à nossa consciência de sermos chamados: “*Ele nos tira do*

meio do povo e nos envia ao povo, de modo que a nossa identidade não pode ser compreendida sem essa pertença” (EG 268).

É renunciando à autorreferencialidade que podemos honestamente nos fazer a pergunta: Do que essas pessoas precisam? Aceitamos que o importante e o que nos realiza na vocação que recebemos já não é mais se nossa instituição ou todas as instituições de toda a vida religiosa continuarão a existir no futuro. O importante é que esse povo de fiéis ao qual pertencemos precisa saber que Deus ainda está trabalhando entre nós, que seu Reino está chegando, que seu Espírito ainda está presente e convocando sua Igreja. Esse povo precisa receber um sinal de que Deus continua a chamar, a convocar, a reunir e a nos oferecer uma nova esperança messiânica. Esse é o trabalho do profeta.

E, a partir da Vida Religiosa, nos sentimos chamados a responder oferecendo aquele dom do qual somos depositários, mas não donos ou proprietários do nosso carisma fundacional. O sinal será uma comunidade de fiéis, religiosos e leigos, reunidos em torno do carisma, para construir uma fraternidade em função da missão.

4. Peça-mos para abrir os olhos

«*Pede um sinal ao SENHOR teu Deus*» (Is 7,11)

É a proposta de Isaías ao rei Acáz, e sua resposta parece muito razoável: “*Não pedirei, não tentarei o SENHOR.*” (Is 7, 12). A situação em Israel é delicada, com a dinastia davídica correndo o risco de desaparecer; e Acáz já fez suas próprias escolhas e alianças que ele supõe que garantirão a estabilidade de seu reino, além das promessas de Deus, nas quais ele não confia. Nesse contexto, sua resposta não é de respeito, mas de desinteresse pelos sinais de Deus, para que eles não o forcem a mudar sua posição!

Acáz merece a mesma reprovação que Isaías dirige ao povo: “*Sim, esse povo é rebelde, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR. Aos videntes, dizem: “Não tendes que ver nada!”*, e aos que têm visões: “*Não nos mostreis o que é mais correto. Falai-nos de coisas agradáveis, trazei-nos visões de ilusão!*” (Is 30, 9-10). Acáz e seu povo são uma prova clara de que se pode estar vivendo uma religiosidade aparente e enganosa, cheia de ritos, vazia de fé e surda à palavra de Deus.

Fidelidade mal compreendida

Os sinais de uma nova vida estão aí, mesmo que pareçam tênues. Temos que procurá-los com um olhar atento, mas é arriscado reconhecê-los, porque eles nos obrigam a mudar nossos hábitos, propõem outro modo de vida dentro desta *Igreja-Comunhão*, no contexto de um povo de fieis onde os carismas fundacionais são compartilhados.

Nesse contexto, ousar pedir sinais a Deus é pedir que Ele abra nossos olhos e nos ajude a reconhecer os sinais dessa nova criação que seu Espírito está iluminando na Igreja. Os sinais nunca são em grande número, eles não se impõem por sua magnitude. Em geral, são algo muito discreto, como um grão de mostarda. Se forem bem cuidados, se transformam em árvores frondosas que acolhem uma multidão de pássaros.

Mas é mais fácil rejeitar “piedosamente” a proposta do profeta do que adotar a atitude de Acaz, “para não tentarmos o Senhor”. Então nos refugiamos na segurança de nossas estruturas religiosas, porque elas “garantem” nossa fidelidade. Temos medo de pedir sinais que quebrem a nossa estabilidade, sinais que nos obriguem a reconhecer a nossa situação de caducidade e a necessidade de nos abirmos a outro modo de viver a Vida Consagrada em uma sociedade e em uma Igreja que não são mais aquelas em que nasceram as nossas instituições. A fidelidade criativa (VC, 37) é a atitude que um carisma fundacional requer, porque a fidelidade sem criatividade é simplesmente uma rotina que nega a essência de todo e qualquer carisma, que, como ação do Espírito, é dinamismo e resposta viva às necessidades do mundo e da Igreja.

Na maioria dos institutos religiosos se mantém uma oração regular pelas vocações. Mas qual é o objetivo dessa oração? Se for simplesmente “pedir vocações para o próprio Instituto”, não tenhamos dúvida: é a oração errada. Ousemos pedir discernimento para saber onde estamos dificultando o surgimento de novas vocações; ousemos pedir luz para mudar tudo o que se tornou obsoleto em nós; sejamos gratos pelas novas formas vocacionais nas quais o Espírito se manifesta; nos ofereçamos para apoiá-las e acompanhá-las; coloquemo-nos à disposição para sermos mediadores do Espírito na transmissão do carisma a outros fiéis com outras formas de vida; e comprometamo-nos a desenvolver a comunhão com todos eles.

5. Atrever-se a reconhecer os sinais

“Pois bem, o próprio SENHOR vos dará um sinal” (Is 7,14)

A reação de Isaías diante da rejeição de Acáz foi ir em frente e afirmar que o sinal já está à vista, para quem quiser vê-lo: *“Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel” (Is 7, 14)*. A releitura cristã interpreta o termo jovem como uma virgem. Ou seja, aquela que não podia ter um filho, pelo poder de Deus dá à luz um filho e o chama de Deus conosco.

Diante do povo que busca sinais nos ídolos, fabricados com suas próprias mãos, Isaías ousa apresentar a si mesmo e a seus filhos um presente de Deus e um sinal que aponta para o futuro, como testemunhas do Senhor: *“Eu e os filhos que o SENHOR me deu somos em Israel um sinal e um aviso da parte do SENHOR dos exércitos, que mora na montanha de Sião” (Is 8, 18)*. O profeta se torna um sinal para o povo com toda a sua vida.

O sinal está à vista de todos

A Vida Religiosa é capaz de dar origem a uma nova vida? O sinal já é visível. Muitos leigos são atraídos pelos carismas fundacionais que as Ordens e os Institutos religiosos estão vivendo, e querem vivê-los a partir de sua condição de leigos, em toda a plenitude de sua consagração batismal. É um nascimento autêntico, possível porque as instituições religiosas em questão se abriram à inspiração do Espírito e aceitaram que seu carisma fundacional não lhes pertence: assim, tornam-se parteiras de uma nova vida.

Dar à luz e o relacionamento que isso implica não terminam com o nascimento. Cria-se uma nova família onde se desenvolvem laços de comunhão que incluem acompanhamento, formação conjunta, discernimento mútuo, solidariedade, corresponsabilidade na missão. Nessa comunhão de religiosos e leigos, a vida religiosa não pode mais ser a mesma, ela deve necessa-

riamente mudar, não apenas nas estruturas, mas sobretudo em sua maneira de se sentir dentro da Igreja, em relação aos demais membros.

Mas isso não pode ser feito por instituições ancoradas em seu passado, relutantes em imaginar a Vida Consagrada de uma forma diferente, no contexto oferecido pelo novo ecossistema eclesial trazido pelo Vaticano II. O Papa Francisco nos advertiu em sua mensagem para o 26º Dia Mundial da Vida Consagrada (02/02/2022): *“O Senhor não cessa de nos enviar sinais que nos convidam a cultivar uma visão renovada da Vida Consagrada. Isso é necessário, mas sob a luz e as moções do Espírito Santo. Não podemos fingir que não vemos esses sinais e continuar como se nada tivesse acontecido, repetindo as mesmas coisas de sempre, arrastando-nos por inércia nos caminhos do passado, paralisados pelo medo da mudança. Eu já disse isso muitas vezes: hoje, a tentação é retroceder, por segurança, por medo, para manter a fé, para manter o carisma do fundador... É uma tentação”*³.

Diante dos sinais que o próprio Senhor nos dá, o tempo de redução que vivemos não é mais visto simplesmente como uma ameaça de desaparecimento. A redução é necessária para a transformação, para criar algo novo. E assim nos tornamos parte do novo. Uma vida religiosa com dores de parto. Sim: com a alegria de dar à luz uma família.

O sinal da Vida Religiosa dando à luz novas famílias carismáticas é um sinal para a Igreja que aspira ser *Igreja-Comunhão*. É um sinal de que *Deus está conosco*. E seu Espírito continua agindo, à sua maneira, traçando novos caminhos de comunhão na Igreja.

3 https://www.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2022/documents/20220202_omelia-vitaconsacrata.html

6. Chamados a converter-nos em raízes

Teus mortos, porém reviverão! (Is 26,19)

Isaías opõe a esterilidade do povo, incapaz de oferecer vida por conta própria, e a fecundidade de Deus, pelos caminhos traçados por Ele: “*Engravidamos e chegamos ao trabalho de parto, mas parimos vento. Não trouxemos qualquer melhora ao país, nem novos habitantes ao mundo. Teus mortos, porém reviverão! (...) Pois teu orvalho é orvalho de luz e a terra restituirá à luz seus mortos!*” (Is 26, 18-19). A salvação não está em nossa própria força, proclama o profeta, mas no poder de Deus; e isso se manifesta na forma e no tempo que Ele estabelece. Pode parecer ingênuo para aqueles que olham apenas para si mesmos, mas para quem aprendeu a reconhecer os sinais da ação de Deus na história, essa é a atitude que conta: “*Confiai sempre no SENHOR: ele é uma rocha eterna*” (26,4).

A questão é: como ressuscitar?

Ligada à experiência da esterilidade, tornada fecunda pelo poder de Deus, está a evidência da morte, assumida como um evento que não é o fim do plano de Deus. A morte, não apenas do indivíduo, mas também da instituição deve ser contemplada como uma realidade pela qual devemos passar, não como uma conclusão fatídica de uma história mais ou menos longa, que sempre parece breve demais, mas como o passo preliminar para a ressurreição. “O que se deve buscar no cristianismo e na vida religiosa não é não morrer, mas ressuscitar. Mas a morte é o caminho para a ressurreição. E a vida religiosa é uma aceitação voluntária da morte”⁴.

A questão hoje para a Vida Religiosa não é “*como não morrer*”, mas “*como ressuscitar*”. Ou seja, a preocupação não deve ser “*salvar os móveis, a casa ou todo o Instituto*”, mas “*como nos preparamos para uma nova vida*”. De certa forma, a alegoria que São Paulo usa na primeira carta aos Coríntios para

4 Marko I. RUPNIK, María CAMPATELLI, *Vejo una rama de almendro. Reflexiones sobre la vida consagrada*. Ed. San Pablo, Madrid 2015, p. 122.

nos ajudar a vislumbrar a natureza dos corpos ressuscitados pode nos ajudar a entender, salvas as distâncias, o salto que nos é proposto: *“Insensato! Aquilo que sementes morre primeiro e só depois é vivificado; e o que sementes não é a planta já desenvolvida – como será mais tarde –, mas um simples grão, digamos, de trigo ou de qualquer outro cereal”* (1Cor 15, 36-37).

A morte é o maior sinal de descontinuidade em um projeto. Ela simplesmente pode significar o fim do projeto. Mas pode ser o passo necessário para outro nível de vida que implica uma transformação radical do projeto. É disso que estamos falando. E ainda me permito abusar das palavras de Paulo em sua tentativa de esclarecer o significado da ressurreição: *“Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados.”* (1Cor 15, 51). No final das contas, é isso o que importa: a nova vida não é uma repetição da antiga; ela implica uma profunda transformação que alcança tanto a quem veio antes como a quem acabou de chegar.

A escolha não é fácil nem mesmo agradável; mas o que é escolher a vida? Gostaríamos de ser uma flor, mas será que aceitamos nos tornar raízes? Tomo a imagem e o desafio que eles carregam do discurso do Papa Francisco aos cristãos e judeus em uma reunião em Budapeste em 12 de setembro de 2021. Ele cita o poeta húngaro *Miklós Radnóti*, preso pelos nazistas em um campo de concentração, apenas por ser de origem judaica: “No final, na triste solidão do campo de concentração, ao perceber que a vida estava definhando, Radnóti escreveu: “Eu também sou agora uma raiz... Eu era uma flor, tornei-me uma raiz” (Caderno de Bor, Raiz). Nós também somos chamados a nos tornar raízes. Muitas vezes buscamos frutos, resultados, afirmação. Mas aquele que faz sua Palavra frutificar na terra com a mesma doçura da chuva que faz brotar o campo (cf. Is 55, 10), nos lembra também que nossos caminhos de fé são sementes, sementes que se tornam raízes subterrâneas, raízes que alimentam a memória e fazem germinar o futuro”⁵.

O que nos permitirá alcançar a nova vida, mesmo que seja passando pela morte?

5 <https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2021/september/documents/20210912-budapest-consiglioecumenico.html>

7. Os dons que nos abrem para a vida

Sobre ele há de pousar o espírito do SENHOR (Is 11,2)

A linguagem profética de Isaías (o “Primeiro Isaías”) recorre às crianças como sinais de uma nova vida para o povo, da esperança messiânica já realizada no futuro e que traz consigo uma grande alegria a esse povo tão castigado: “*O povo que andava na escuridão viu uma grande luz... Multiplicaste sua alegria, redobriste sua felicidade. Adiante de ti vão felizes, como na alegria da colheita... Pois nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado.*” (Is 9, 1-5). Sua existência representa a presença salvadora de Deus no meio do povo, como é revelado pelos nomes que Isaías atribui à criança (cf. 7,14; 9,5).

As novas relações baseadas no direito e na justiça (cf. Is 9, 6) são apresentadas por Isaías de forma idílica, sempre com a presença da criança: “*O lobo, então, será hóspede do cordeiro, o leopardo vai se deitar ao lado do cabrito, o bezerro e o leãozinho pastam juntos, uma criança pequena toca os dois*” (Is 11, 6). A coragem não vem do fato de ele ser “novo”, mas da vontade criativa e da fidelidade de Deus para com o povo e, em última análise, porque o espírito do Senhor está com ele: “*O amor apaixonado do SENHOR dos exércitos é que há de fazer tudo isso*” (Is 9, 6). *Sobre ele há de pousar o espírito do SENHOR, espírito de sabedoria e compreensão, espírito de prudência e valentia espírito de conhecimento e temor do SENHOR*” (Is, 11,2).

Chaves de resposta

Isaías nos oferece aqui algumas chaves para encontrar uma resposta à pergunta que fizemos no final da seção anterior. Em primeiro lugar, a nova vida é feita de novas relações baseadas na justiça no estilo bíblico: relações de fraternidade, de solidariedade, de conhecimento mútuo; com novos laços entre aqueles que nem sequer se conheciam, agora juntos para realizar o projeto de Deus, o Reino de Deus. E, em segundo lugar, a nova vida é alimentada pelo Espírito do Senhor, que colocaremos aqui com letra maiúscula, porque é o próprio Espírito Santo por meio de seus carismas.

A Vida Consagrada tem em seu interior o que é necessário para gerar a vida nova que o amor do Senhor deseja criar em sua Igreja: tem a experiência da comunhão, que agora deve transmitir e promover entre os demais membros da Igreja, além de seu próprio Instituto. E tem o grande dom do carisma ou dos carismas fundacionais. Cada Instituto deve se perguntar e certificar-se de que esses dons estejam vivos em seu interior, pois são eles que lhe permitirão fazer parte da nova vida, mesmo que tenha de passar pela morte.

a) A experiência da comunicação

A experiência da comunhão definiu a Vida Religiosa desde o início, buscando imitar o que era um sinal distintivo da comunidade cristã primitiva, conforme vem relatado nos Atos dos Apóstolos: *“Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum”* (At 2, 44). *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum”* (At 4, 32). Este ideal de fraternidade, que pertence a toda a Igreja, foi o que orientou o nascimento dos vários institutos religiosos, servindo assim de memória viva para todos os cristãos, como é reconhecido na Vita Consecrata, a exortação apostólica de São João Paulo II: *“A vida consagrada tem certamente o mérito de ter contribuído eficazmente para manter viva na Igreja a necessidade da fraternidade como confissão da Trindade”* (VC 41).

Não se trata apenas de um modo de vida para poder se dedicar a uma tarefa apostólica. É algo que tem valor em si mesmo, como sinal da aliança que Jesus expressou com o seu “novo mandamento” e com a doação de si mesmo até o ponto de dar a vida na Cruz: *“Na vida comunitária, além disso, é preciso tornar tangível de alguma forma que a comunhão fraterna, antes de ser um instrumento para uma missão particular, é um espaço teológico no qual se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”* (VC 42).

O pedido explícito, quase como um desafio, feito por Vita Consecrata às pessoas consagradas, está longe de ser uma mera exortação piedosa. Na realidade, é uma condição de vida, uma condição para que a Vida Consagrada possa engendrar uma vida nova: *“Pede-se às pessoas consagradas que sejam verdadeiramente especialistas em comunhão e que vivam a sua respectiva espiritualidade como testemunhas e artífices daquele ‘projeto de comunhão’ que*

constitui o ápice da história do homem segundo Deus” (VC, 46). ‘Especialistas’, não ‘acadêmicos’: implica “*um modo de pensar, falar e agir que faz a Igreja crescer em profundidade e amplitude*” (id.).

Como podemos converter essa experiência interna em uma proposta de vida cristã na qual outros fieis se reúnem a partir de seu próprio carisma? Como podemos torná-la uma experiência familiar, uma experiência compartilhada entre pessoas de diferentes estados e situações de vida, e entre elas pessoas consagradas?

b) O dom do carisma

Os dons que o Espírito concedeu à Vida Consagrada não são destinados, em última instância, aos Institutos religiosos, mas à Igreja. O “*dom especial do Espírito*” é o amor recíproco de todos quantos formam a comunidade (VC, 42), um dom que não pode se fechar dentro do Instituto, mas que se derrama na Igreja, ou melhor, no Povo de Deus. Junto com esse dom vem o segundo, o carisma fundacional, que não pode ser sustentado sem ele. Ao mesmo tempo em que a experiência de comunhão é dada, o carisma fundacional é compartilhado, que é a experiência do Espírito⁶. O carisma é transmitido pelo Espírito; podemos ser seus mediadores ao compartilhá-lo.

Durante muito tempo, os carismas fundacionais foram considerados propriedade das Ordens e dos Institutos religiosos, confundidos com os projetos de vida religiosa nos quais haviam se materializado. Por fim, os carismas saíram dos poços em que estavam confinados e se tornaram rios que querem fecundar toda a superfície do Povo de Deus e que não podem ser detidos: “*São dons para renovar e edificar a Igreja. Não são um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; ao contrário, são dons do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, de onde são canalizados em um impulso evangelizador*” (*Evangelii Gaudium*, nº 130).

O carisma não está em uma habilidade nem no que se faz, mas no que nos leva a fazê-lo. É um dinamismo interno que se manifesta e se projeta de

6 *Mutuae relationes*, 11. Roma 1978

muitas formas: oferece uma perspectiva global do Evangelho; facilita uma visão unificada de toda a vida e da missão na qual nossa vida é projetada; aguça nossa visão para torná-la sensível a certas necessidades e estimula nossa criatividade para responder a essas necessidades; nos faz perceber valores que outras pessoas não percebem. Por todas essas razões, o carisma fundacional é, ao mesmo tempo, uma força motivadora para o indivíduo e para o grupo que está em sintonia com ele, e uma força profética que desperta nas instituições e na sociedade um horizonte de justiça e humanidade que tende a se esvaír nelas ⁷.

O carisma se manifesta ou se projeta em um modo de vida. Tradicionalmente, o modo de vida religioso tem sido o facilitador dos carismas fundacionais. Daí a facilidade com que estes últimos têm sido confundidos com os primeiros. Em uma Igreja que redescobriu a missão única e compartilhada entre todos os seus membros, os carismas também foram recuperados como dons que podem ser compartilhados em diferentes formas e estados de vida. Dessa forma, cada carisma fundacional se torna um lugar de encontro com muitos outros fiéis que estão em sintonia com esse carisma e, portanto, um lugar de enriquecimento mútuo.

A contribuição da Vida Consagrada, ao compartilhar os carismas fundacionais na Igreja e na sociedade, poderia ser comparada ao trabalho de um radiestesista que descobre veios de água em um terreno aparentemente árido. O radiestesista não “dá” água; ele simplesmente a detecta onde ela está, porque é sensível a ela; ele pode apontar seu fluxo porque está em sintonia com o dinamismo da corrente de água; ele a experimentou em si mesmo e, portanto, a valoriza. Seu objetivo não é usar a água em seu próprio benefício, mas facilitar o seu aproveitamento pelos usuários da terra. Cabe aos próprios usuários começar a usá-la e aproveitá-la. Então, quando a água já estiver fluindo, haverá usuários que dirão: *“Eu senti algo lá dentro; de alguma forma eu sabia que estava lá...”*. E a terra deixará de ser árida e passará a ser fértil. E o radiestesista poderá dizer: *“Cumprí a minha missão. Não importa se eu desaparecer, pois a água já está fluindo e chegará a muitos outros”*.

⁷ Cf. Luigino BRUNI, *La destrucción creadora. Cómo afrontar las crisis en las organizaciones motivadas por ideales*. Ed. Ciudad Nueva, Madrid 2019, p. 21.

8. Nossos carismas se transformaram em rios

*O chão duro vai se mudar em pântano
e o seco vai se encher de minas d'água (Is 35,7)*

O remanescente, o respigado, o ramo... são vários nomes que Isaías usa para falar do pouco que restará do povo de Israel, para não dizer até mesmo dos mortos que ressuscitarão da terra (cf. Is 6, 19). Há muitas ameaças que, de acordo com o profeta, assolaram esse remanescente, e muito mais do que ele, terá que se converter. Mas no final há uma nova realidade que supera tudo o que aconteceu antes, que o profeta anuncia com várias imagens que expressam a novidade e o poder do Senhor que a torna possível. É a imagem da festa no *Monte Sião*, pois “*é nesta montanha que repousa a mão do SENHOR.*” (Is 25,10); são as raízes que Jacó lançará, por meio das quais “*Israel dará flores e botões, e de frutos cobrirá a face da terra.*” (Is 27,6); é a terra frutífera que florescerá como o narciso (cf. Is 35, 2), pois “*águas vão correr no deserto, rios na terra seca. O chão duro vai se mudar em pântano e o seco vai se encher de minas d'água,*” (35,6-7).

Como rios que fecundam a terra

Vamos relacionar essa última imagem com a que concluímos na seção anterior. Os carismas fundacionais se tornaram rios capazes de fertilizar a terra, além das instituições religiosas. Mas cabe a elas, em grande parte, garantir que esses carismas possam ser descobertos e saboreados por outros fiéis. Dessa forma, o resto se tornará uma *Família carismática*, ou melhor, será integrado e renovado nessa nova realidade eclesial.

Vita Consecrata (1996) já deixava entrever este fenômeno: “*Pode-se dizer que um novo capítulo, rico de esperança, teve início na história das relações entre as pessoas consagradas e os leigos*” (VC, 54). O Papa Francisco introduziu o Ano da Vida Consagrada (2015) com uma carta dirigida “*não apenas às pessoas consagradas, mas também aos leigos que compartilham com elas ideais, espírito e*

missão” e “*se sentem chamados, precisamente em sua condição de leigos, a participar do mesmo espírito carismático*”⁸.

Como pano de fundo, está a redescoberta da realidade carismática da Igreja, consequência direta do reconhecimento do papel preponderante do Espírito Santo na evangelização, como já disse o Concílio: “*O próprio Espírito Santo não apenas santifica e conduz o Povo de Deus (...), mas também distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição...*” » (LG 12).

Certamente ainda encontraremos os invejosos, aqueles que temem que seu carisma seja desperdiçado, mal compreendido ou subestimado pelos recém-chegados. Todos quantos se sentem tentados por tais desconfianças fariam bem em lembrar e imitar a atitude de Moisés em relação ao jovem Josué, que estava com ciúmes porque alguns israelitas estavam profetizando no acampamento, sem que fosse seu dever oficial fazê-lo. Moisés não sentiu que sua própria identidade como profeta estivesse ameaçada e, por isso, respondeu a Josué: “*Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor lhe concedesse o seu espírito!*” (Nm 11, 29). Esse “*Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta*” não pode ser reduzido a um desejo estéril, mas deve ser projetado em uma estratégia de reconhecimento e acompanhamento dos leigos que reconhecem que são atraídos pelo carisma.

A imagem profética de Isaías – “*águas vão correr no deserto, rios na terra seca*” (Is 35, 6) – se reflete aqui, onde se projeta a fecundidade do que parecia estéril, a Vida Consagrada, porque, deixando-se conduzir pelo Espírito, soube reconhecer o carisma fundacional para além de suas próprias estruturas institucionais, e “*reposicioná-lo onde os diversos estados de vida possam assimilá-lo na forma própria de cada vocação pessoal*”⁹.

A comunidade consagrada que aceita sua responsabilidade de ser mediadora do Espírito torna possível que o carisma continue vivo. Por meio de sua mediação, a família carismática aparece no contexto da “*missão compartilhada*” que corresponde à Igreja-Comunhão. Assim, o que antes fazia com que

8 FRANCISCO, *Carta apostólica a todos los consagrados en ocasión del Año de la Vida consagrada*, 21-11-2014, III.1.

9 R. COZZA, o.c., p. 71-72.

os religiosos e as religiosas se sentissem à parte, diferentes dos demais cristãos, hoje lhes dá a perspectiva de se verem como um modo de ser cristão, coincidindo inclusive com muitos leigos que passam a viver esse mesmo carisma, e ao mesmo tempo como seu modo particular de ser consagrado. Vejamos isso a seguir, iluminados pelo Segundo Isaías.

Pistas para reflexão pessoal e comunitária

1. No início de cada seção, há uma breve recensão do Primeiro Isaías com relação ao tema específico da seção. Pode ser útil ler essas recensões de forma consecutiva, começando com a que abre o capítulo, e discuti-las: o que elas nos sugerem, que sinais encontramos para poder interpretar o momento que estamos vivendo, para poder reconhecer nossa história atual como uma história de salvação?
2. Como a consciência da redução nos afeta em relação à Vida Religiosa e à nossa própria instituição? Que atitudes ela desperta, de forma positiva ou negativa? Ela nos serve como critério de leitura da vida?
3. O que há em tudo o que estamos vivenciando que nos convida a reviver nossa vocação? Como podemos descrever a descontinuidade entre a Vida Religiosa que encontramos no início de nossa caminhada vocacional e a que entendemos que o Espírito está impulsionando hoje?
4. “*O sabor espiritual de ser povo*” (EG, 268): Com que sinais mostramos que nos sentimos pertencendo ao povo, que não nos colocamos acima dele, que estamos preocupados com tudo o que diz respeito ao povo de Deus?
5. Em que sinais reconhecemos que Deus continua a agir na Igreja, recriando-a com uma nova vida? E na Vida Consagrada, encontramos sinais de renovação que nos afetam de alguma forma?
 - Como julgamos a nossa oração pelas vocações? Ela nos compromete? Não nos obriga a discernir em nós mesmos o que favorece ou dificulta o surgimento de novas vocações? Nos torna responsáveis pela nossa mediação na transmissão do carisma?

6. Nossa vida consagrada, nossa comunidade, nossa instituição estão sendo promotores de uma nova vida vocacional na Igreja a partir do nosso carisma original? Como a favorecemos ou o que a dificulta?
7. *“Como nos preparamos para uma nova vida”*: o que isso nos parece? O que significa para nós aceitarmos nos converter em raízes? Que comentário nos sugere a citação do Papa Francisco do poeta húngaro Miklós Radnóti, a partir de nossa própria experiência?
8. A experiência de comunhão permanece no interior da comunidade ou a fazemos chegar às pessoas com as quais nos relacionamos, especialmente aquelas com as quais compartilhamos a missão? Nós a transformamos em uma proposta de vida cristã?
 - Vivemos nosso carisma fundacional como um lugar de encontro com outros fieis? O que a imagem do radiestesista (ponto 7b) nos sugere sobre nossa mediação para ajudar as outras pessoas a descobrir o carisma em si mesmas?
9. O fato de os carismas fundacionais, entre eles o nosso, terem se tornado mais eclesiais e serem vistos como dons que podem ser compartilhados a partir de diferentes estados de vida, nos parece algo positivo para nós mesmos? Estamos confortáveis com essa perspectiva de compartilhar o carisma, ou isso gera temores? E quais são esses temores?

SEGUNDA PARTE

UMA VIDA RELIGIOSA
MEDIADORA DO ESPÍRITO

Nosso filtro de leitura: o segundo Isaías (Is 40 a 55)

O profeta que está por trás dos capítulos 40 a 55 do livro de Isaías vive na segunda metade do século VI a.C., quando o tempo do exílio está chegando ao fim e, mais tarde, quando os primeiros retornados à Palestina estão tentando se estabelecer, em meio à rejeição ou até mesmo à perseguição de seus compatriotas.

“Consolai, consolai o meu povo!”, diz o vosso Deus” (Is 40, 1). A consolação é a primeira chave da mensagem desse profeta. E ele imediatamente convida o povo a preparar um caminho, porque o Senhor está chegando.

O profeta se atreve a anunciar a um povo em desespero, no sofrimento do exílio, que a libertação lhe chega por meio de um estrangeiro, um pagão – Ciro – a quem ele aponta como instrumento e servo de Deus, o que será um escândalo para muitos israelitas. O profeta encontra a resistência de um povo surdo e cego (cf. Is 43, 8), que não confia nas promessas do Senhor: *“O SENHOR ignora meu destino, Deus não vê o meu direito?”* (Is 40, 27). A miopia de seus olhos os impede de verem além do momento presente, e o profeta os ajuda a contemplar a história em sua totalidade e a reconhecer seu Deus como o Senhor da história, aquele que escolhe Ciro: *“Quem faz e realiza tudo isso, chamando à vida gerações desde o começo? Eu, o SENHOR, sou o primeiro e estou também com os últimos.”* (41,4).

A situação de redução, de aniquilação, aparece como um *“lugar teológico”* no qual Deus está presente; Deus resgata o povo a fim de realizar um novo êxodo que supera o antigo. Neste êxodo, o poder criativo de Deus é revelado: *“Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis? Sim, no deserto eu abro um caminho, rasgo rios na terra seca.”* (43,18-19).

Particularmente iluminadoras em seu mistério são as quatro canções do Servo do Senhor, que ajudaram as primeiras comunidades cristãs a entender melhor a figura de Jesus, o Messias sofredor e aparentemente fracassado, mas finalmente exaltado pelo Pai. Elas destacam a proeminência do

Senhor, que escolhe seu Servo segundo o plano de salvação de Deus desde o início (cf. Is 42, 6). O Servo atua como mediador e sinal da aliança entre Deus e seu povo, portador da luz, não apenas para Israel, mas para todos os povos, até os confins da terra (cf. Is 49, 6). O Servo realiza seu trabalho com mansidão, sustentado por Deus e movido por seu Espírito (cf. Is 42, 1). Ele experimenta o fracasso e o desprezo, mas sua força se encontra em Deus. O último dos cânticos (Is 52, 13 – 53, 12) leva a redução do Servo ao extremo: morto e sepultado. Mas não é uma morte inútil, *“ele não sofreu em vão, porque por meio dele o projeto do Senhor triunfará”* (Is 53, 10-11). Desse abismo, Deus o levanta.

Antes de terminar, o profeta dirige uma declaração de amor a Jerusalém em nome de Deus, na qual lhe anuncia que sua esterilidade não é definitiva, que Deus lhe dará a fecundidade que já lhe parece impossível: *“Canta, ó estéril, tu que não mais dás à luz! ...Pois os filhos da mulher abandonada são mais numerosos que os da casada, diz o SENHOR! Alarga o espaço de tua tenda,... Para todos os lados irás te expandir, a tua descendência conquistará nações que virão repovoar as cidades abandonadas”* (Is 54,1-3).

O profeta enfatiza que o poder da palavra de Deus supera nossa previsão, e é a essa palavra que devemos estar atentos para conhecer os planos de Deus, *“Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do SENHOR”* (55,8).

1. Sair da autorreferencialidade

No deserto abri caminho para o SENHOR (Is 40,3)

O Segundo Isaías está repleto de estradas: caminhos a serem abertos e descobertos. Alguns são caminhos que o povo deve preparar para a vinda do Senhor (cf. Is 40, 3); outros são aqueles que o Senhor constrói para conduzir o povo à liberdade (cf. Is 42, 16; 43, 19; 48, 17; 49, 11; 51, 10); e devem ser procurados com cuidado, porque os caminhos do Senhor são sempre muito diferentes dos nossos (cf. Is 55, 8-9). Não é uma tarefa fácil: os caminhos que o povo deve preparar, assim como os que o Senhor nos oferece, serão traçados no deserto (cf. Is 40, 3), na estepe (cf. Is 43, 19), ou seja, serão novos, fora do comum. E muitas estruturas e tradições terão de ser modificadas para dar lugar aos novos caminhos: *“Todo vale seja aterrado, toda montanha, rebaixada, para ficar plano o caminho acidentado e reto, o tortuoso. (Is 40, 4). “Transformarei minhas montanhas em caminhos, vão surgindo os aterros de minha estrada” (49,11).*

E nessa abertura ao plano de Deus, o profeta nos anima a localizar o que é essencial, diante de tudo o que está ultrapassado: *“A erva seca, murcha a flor, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre.” (40,8).*

Caminhos para o encontro

Esta é a tarefa que a Vida Religiosa tem que enfrentar nos dias de hoje: traçar um caminho no deserto, onde não há caminhos e tudo precisa ser feito novo; desmontar os montes e colinas que nos mantiveram no alto, levantar os vales das nossas zonas de conforto e de tantas situações de inferioridade ou comodidade que nos isolaram e nos afastaram de uma relação de cooperação entre fiéis, leigos e religiosos. São caminhos de encontro, caminhos para realizarmos juntos o plano salvífico de Deus, a missão eclesial.

Sair a caminho exige uma atitude prévia: é a renúncia à autorreferencialidade. Porque aqui não se trata que os demais se aproximem de nós, ou que venham viver o nosso modo de vida, ou que se integrem em nossas estruturas. Muito pelo contrário, e esta é a parte difícil. Saímos para encontrar-nos e caminhar juntos. O que temos que mudar que não seja essencial? “*Sou eu, o SENHOR teu Deus, sou quem te ensina o que vale a pena, quem te conduz pelo caminho que deves seguir*” (Is 48, 17): Abramos os olhos para a mudança de ciclo histórico que está acontecendo a nível social, e olhemos para as grandes pistas que o Concílio Vaticano II apontou no campo eclesial, pistas que a eclesiologia de comunhão foi explicitando e multiplicando na fase pós-conciliar até chegar ao Papa Francisco.

A Vida Religiosa que herdamos é frequentemente muito engomada pelo acessório, elevada à categoria do sagrado, com uma oração tão formalizada e canonicamente justificada que dificilmente admite mudanças, e com estruturas comunitárias sujeitas a horários rígidos que supostamente garantem a observância regular. Ela precisa quebrar modelos, fazer silêncio para poder ouvir o Espírito, cuja voz foi abafada por tantas vestimentas culturais. No silêncio, separados da grama seca e da flor murcha, identificamos o permanente, a palavra de Deus que nos foi transmitida no carisma do Espírito. É com ela que saímos para abrir novos caminhos para o encontro.

Sair a caminho requer praticar a arte de despojar-nos de tantos apegos e formas culturais que se grudaram em nós, para nos comprometermos com a ascese do encontro e da comunhão com os leigos no Espírito, no carisma do qual fomos feitos mediadores. E é uma arte, porque ao mesmo tempo é preciso ter cuidado para salvar o que é genuinamente específico da Vida Consagrada.

Portanto, não se trata de improvisar. Pelo contrário. Se fizermos isso, estaremos brincando com aquilo que nos deu vida e que também será a origem da nova vida: o carisma e sua transmissão. *“A revitalização não é um evento casual. Não é algo que acontece a um grupo, vindo do céu, sem planejamento e de surpresa. A revitalização é o processo consciente de estar disposto a viver em um mundo novo e em transformação, mesmo quando os outros não estão dispostos e o mundo não quer mudanças”*¹.

1 Joan CHITTISTER, *Tal como éramos. Una historia de cambio y renovación*. Publicaciones

2. Um novo paradigma sustenta nossa mediação

Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado (Is 43,18)

O Senhor da história continua trabalhando, seu plano não se extinguiu. Não estamos vivendo nos resíduos do ontem, mas no alvorecer de uma nova era: este é o tempo de Deus. Esta é a mensagem que o profeta tenta apresentar às pessoas que vivem com saudades do passado; ele as convida a descobrir o que já é realidade, mesmo que ainda esteja em construção, e a voltar sua atenção para o que está por vir, e não para o que já se foi. *“Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?”* (Is 43 18-19). O povo renasce porque Deus se preocupa com ele: *“Não tenhas medo, que eu estou contigo. Não te assustes, que sou o teu Deus. Eu te dou coragem, sim, eu te ajudo. Sim, eu te seguro com minha mão vitoriosa”* (Is 41, 10). Os últimos do povo atraem a atenção de Deus de forma especial: *“Os pobres e necessitados buscam água e... nada! Estão com a língua seca de sede. Então eu mesmo, o SENHOR, vou olhar por eles! Eu, que sou o Deus de Israel, não vou me descuidar deles”.* (41,17).

Nos preparamos para o novo?

“É coisa criada agora mesmo, não faz uma hora. Antes do dia de hoje não a tinhas ouvido, senão ainda poderias dizer: ‘Eu já sabia disso’” (Is 48, 7). A declaração categórica do profeta serve para ressaltar a novidade do que estamos começando a vivenciar. É um novo paradigma que fundamenta a mediação que nos foi confiada, a transmissão do carisma.

O paradigma que está nos guiando tem algumas características que o diferenciam profundamente daquele que vivemos no período anterior ao Concílio Vaticano II:

- A estrutura que lhe dá forma é a de uma Igreja que se sente, antes de tudo, Povo de Deus; e acima de qualquer classificação e com a mesma dignidade, todos os seus membros formam o grupo de pessoas que acreditam em Jesus, unidos para construir o Reino de Deus. *“Há um só corpo e um só Espírito”* (Ef 4, 4).
- O centro é apenas um: Cristo e o evangelho. Não é o meu fundador, nem o meu método, nem o meu caminho ou minha instituição, todos eles no nível das mediações ou instrumentos em função do centro.
- Reconhecemos o *Espírito Santo* como o principal protagonista de toda a missão eclesial. Ele distribui seus carismas, entre eles os carismas fundacionais, que são dons para a Igreja e para o mundo, e que podem ser vividos de diferentes maneiras, na esfera religiosa ou leiga.
- A questão da nossa própria identidade, bem como da nossa identidade carismática não começa com *“quem sou eu?”*, mas *“para quem?”* (Francisco, *Cristus Vivit*, 286), e essa pergunta tende a unificar a pessoa inteira e não apenas um aspecto ou uma dimensão dela.
- Da mesma forma, a identidade carismática não é construída em um processo individualista ou no isolamento daqueles que são diferentes, mas em uma interação comunitária. O que é central não é o eu, mas o nós, a alteridade. *“Somos convidados a nos reunir e nos encontrar em um “nós” que seja mais forte do que a soma de pequenas individualidades”* (Fratelli Tutti, 78).
- Assim como, ao nos referirmos à Igreja, começamos destacando o Todo, a Igreja como Povo, com um único propósito e uma única missão comum, com um único Centro e um único Protagonista da evangelização, assim também, nesta passagem do Instituto para a Família carismática, destacamos a fonte original da qual todos bebemos, *o carisma comum e a rede ou relações* que deve fluir entre os vários grupos que compõem a Família.
- A mudança de ênfase de uma Vida Religiosa cultural para uma Vida Religiosa samaritana é projetada e compartilhada na Família carismática. O carisma fundacional convoca toda a família a ir ao encontro das pessoas que estão nas periferias, nas margens da humanidade: é ali que aprendemos a nos reerguer. É ali que a urgência da salvação de Deus é pessoas que estão nas periferias, nas margens da humanidade: é ali que gerada; e Deus, em sua resposta, pede o envolvimento daqueles que Ele

chama como instrumentos de sua salvação. É por meio da doação aos últimos que se ativa a fonte de energia que dará vitalidade ao carisma fundacional.

Como internalizamos este novo paradigma?
Como o incorporamos?

3. Refundar-se no carisma

Olhai bem para a rocha de onde fostes tirados (Is 51,1)

Raízes poderosas estão sustentando o povo de Israel, e o profeta lhes recorda porque o caminho de libertação que ele anuncia ao povo não será feito rompendo com essas raízes, mas recuperando-as. As imagens que ele usa carregam a força que caracteriza a expressão profética: *“Olhai bem para a rocha de onde fostes tirados, reparai o talho de onde fostes cortados.”* (Is 51, 1); e ele nos convida a olhar para os patriarcas fundadores do povo: *“Observai Abraão, vosso pai, e também Sara que vos deu à luz!”* (Is 51, 2). Nessas origens está a eleição de Israel, e nelas está selada a pertença do povo a Deus: *“Agora, assim diz o SENHOR, aquele que te criou, Jacó, aquele que te modelou, Israel: “Não tenhas medo que fui eu quem te resgatou, chama-me-te pelo próprio nome, tu és meu!”* (Is 43, 1).

A volta ao amor na maturidade

A expressão poética nesta seção teria sido *“a volta ao primeiro amor”*. Mas opto por uma expressão mais realista. Cada idade e cada momento da vida tem sua própria forma de viver e expressar o amor. Parece-me mais apropriado: *a volta ao amor na etapa da maturidade*. Trata-se de reavivar a consciência de uma relação íntima com Deus, que pode ter se enredado ao longo do tempo em uma selva de formulações doutrinárias, justificativas ideológicas e rotinas. Nessa relação está o realismo de nossas fraquezas, de nossas frustrações assumidas, de saber que somos guiados por Deus em um caminho que não coincide com o de nossos desejos. Não é o amor expresso no fogo

da juventude, mas no abandono confiante àquele que nos carrega em suas mãos e a quem pertencemos, porque fomos atraídos das profundezas de seu amor.

Recuperar essa relação de amor é uma condição essencial para participar da nova vida que o Espírito está suscitando na Igreja-Comunhão. Para cada Instituto em particular é um desafio e também uma responsabilidade, pois sem cumprir essa condição não conseguirá ser mediador na transmissão de seu carisma fundacional às novas gerações e, mais especificamente, aos leigos que se sentirem chamados a participar nele.

A anemia espiritual, em alguns casos; a profissionalização desprovida de testemunho, em outros; a autorreferencialidade, que coloca em primeiro lugar o prestígio da instituição; a ideologização do carisma, separada do Evangelho e da Igreja à qual deveria se referir... são obstáculos reais e atuais que impedem que uma grande parte da vida religiosa de hoje se fundamente no carisma e *na volta ao amor na maturidade*.

Refundação é isso: permitir que sejamos esculpidos de novo *na rocha da qual fomos esculpidos* em nossas origens; recuperar a profundidade da qual fomos extraídos; reviver a experiência de sermos tocados pelas feridas da humanidade e da Igreja; ouvir os apelos do Espírito para encontrar novas respostas além das estruturas que herdamos; voltar-nos para o coração do Evangelho para nos conectarmos com o que levou nossos fundadores a enfrentar sua experiência fundacional e sermos capazes de sintonizar essa conversão com a conversão que a própria Igreja está sofrendo para recuperar sua identidade de *comunhão para a missão*². Somente quando estivermos revivendo esse dinamismo de refundação é que poderemos nos sentir capacitados e legitimados para sermos mediadores do Espírito na transmissão do carisma aos recém-chegados. Caso contrário, a única coisa que estaremos transmitindo será a ideologia do carisma³.

2 Cf. J. CASTELLANO, Replantear el carisma y los carismas de la vida consagrada desde la misión compartida: forma de vida y misión. B. FERNÁNDEZ y F. TORRES (EDS.), La misión compartida. Publicaciones Claretianas, Madrid 2002, pg. 135-141.

3 Cf. L. BRUNI, o.c., p. 25.

A recuperação do essencial

Um carisma que tradicionalmente foi vivido somente na vida consagrada, é lógico que toda a sua carga cultural, linguagem, experiências, símbolos... estejam intimamente ligados ao contexto da vida consagrada. Antes de aplicá-lo à vida laical, será necessário fazer um esforço para identificar o núcleo essencial que o sustenta, que sempre estará referido ao Evangelho, ao seguimento de Cristo, à paixão pelo Reino, à vivência do mistério de comunhão eclesial. Este núcleo carismático está além das formas de vida cristã nas quais ele se torna visível e foi vivenciado⁴.

A recuperação desse núcleo essencial deve ser feita à luz do itinerário evangélico dos fundadores, identificando nele as experiências de vida nas quais o carisma se manifesta de modo mais evidente. Ao mesmo tempo, religiosos e leigos tentam identificar em sua própria experiência, em seu próprio itinerário de vida esse núcleo essencial comum a ambos, e se deixam confrontar uns com os outros, a fim de diferenciar o carisma de qualquer um dos projetos ou formas de vida nos quais, historicamente, ele se concretizou. Desta forma, todos os participantes são chamados à responsabilidade de se tornarem, juntos, o rosto do Evangelho que o carisma oferece à Igreja.

Recuperar as raízes originais e vivê-las no novo ecossistema socioeclesial. Ou, se preferirmos uma imagem mais ‘construtiva’, identificar os autênticos fundamentos sobre os quais nos baseamos e sobre eles construir um ‘habitat’ que possa ser reconhecido no novo contexto socioeclesial. As raízes e as bases nos remetem ao carisma fundacional e ao núcleo de uma identidade que, mais do que nunca, é ‘contextual’, pois se desenvolve na comunhão com outras identidades que participam do mesmo carisma a partir de diferentes projetos vitais e com as quais compartilha a mesma missão.

4 Cf. SICARI, Antonio M.: *Gli antichi carismi nella Chiesa. Per una nuova collocazione*. Jaca Book. Milano 2002, p. 58-66.

Uma visão vocacional do carisma

Refundar-se no carisma é também, para as pessoas consagradas, afirmá-lo como a origem e a raiz de sua vida consagrada, de sua vocação religiosa, que representa o modo particular de seguir Cristo em um projeto de vida comunitário e institucional. A realização deste projeto existencial permite que eles se tornem *especialistas em comunhão e guias de espiritualidade* (VC 46 e 55, 3) a serviço do povo Cristão, e acima de tudo os torna sinais e profetas desse mesmo carisma que os une a muitas outras pessoas. Essa visão vocacional do carisma lhes será necessária para que, em sua mediação na transmissão do carisma aos leigos, possam ajudá-los a viver vocacionalmente sua identificação com o carisma.

Nessa complementaridade de vocações dentro do mesmo carisma, as pessoas consagradas aprendem a renunciar à segurança e à quietude do “*estado de perfeição*” e à separação dos lugares nos quais viver a vida cristã, para optar pela tensão que vem com o dinamismo da comunhão e a coexistência de diferentes projetos existenciais a serviço da missão comum. Renunciam a seu próprio protagonismo e promovem o dos leigos, tornando-se seus colaboradores, enquanto continuam a contribuir com o que corresponde à sua própria identidade religiosa e profética.

4. Na vulnerabilidade de uma relação fraterna

...para que aos desanimados eu saiba ajudar com uma palavra (Is 50,4)

Os poemas do Servo que encontramos no Segundo Isaías nos falam de uma relação íntima e profunda entre o Senhor e seu Servo, mas também da relação que revela o significado da figura do Servo, pois este não existe por si mesmo ou para si mesmo, mas para o povo, para a humanidade: “*Eu, o SENHOR, te chamei para a justiça e te tomei pela mão. Eu te formei e te encarreguei de seres a aliança do meu povo e a luz das nações*” (Is 42, 6). O Servo é ‘aliança’, é relação, é comunhão. E essa não será uma função fácil, mas conflituosa, uma causa de sofrimento para o Servo. Ele terá de aprender a realizá-la com a palavra certa, mas também com um ouvido atento: “*Deu-me o SENHOR Deus uma língua habilidosa para que aos desanimados eu saiba ajudar com uma palavra. Toda manhã Ele desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo, eu preste atenção. O SENHOR Deus abriu-me os ouvidos, e eu não fiquei revoltado, para trás não andei*” (50,4-5).

Renúncia à imunidade

O dinamismo da comunhão a que nos referimos na nova relação entre religiosos e leigos inclui e exige vulnerabilidade, uma disposição para se deixar ferir pelos problemas, as mágoas e fraquezas dos outros. Sem isso, não haverá uma relação profunda entre uns e outros. A instituição, com suas estruturas, defesas e barreiras, nos protege do atrito daqueles que não pertencem a ela: ela nos torna imunes. Mas quando a instituição rompe suas barreiras e saímos ao encontro dos diferentes para construir uma nova fraternidade, então perdemos nossa imunidade, todos se tornam vulneráveis aos outros. “*A fraternidade é anti-imunitária*”⁵.

5 L. BRUNI, *o.c.*, p. 38.

Talvez a característica mais marcante da figura do Servo nos quatro poemas do Segundo Isaías seja justamente sua vulnerabilidade, que anda de mãos dadas com seu profundo respeito pela vulnerabilidade dos outros: "*Não quebra o caniço já machucado, não apaga o pavio já fraco de chama*" (Is 42, 3). A Vida Consagrada se torna vulnerável e fraca quando entra nesse dinamismo de comunhão à qual é conduzida pela partilha do carisma fundacional com os leigos. Sua tentação será refugiar-se atrás de suas estruturas, bem estabelecidas pela tradição, e tentar 'moldar' os leigos a partir de seu sistema religioso.

Mas os carismas fundacionais não são servos de tais estruturas, nem a sua vitalidade e operacionalidade dependem delas. Os leigos que entram em sintonia com o carisma devem encontrar suas próprias formas de encarná-lo, e os institutos religiosos devem fazer esse caminho de refundação na fraternidade com os leigos, apoiando-os e sustentando-os, colaborando no discernimento e ouvindo atentamente as sugestões e interpelações vindas do laicado.

A gestação de uma Família carismática deve ter entre seus ícones de referência o do Servo, chamado a ser aliança a partir de uma atitude de vulnerabilidade. A Família carismática é uma nova oportunidade de vida e de efetivação da comunhão, em uma nova forma de relação entre as diferentes formas de vida cristã. E uma nova maneira de ser deve ser projetada em uma nova forma de se relacionar. Na Família carismática, as pessoas consagradas encontram um meio privilegiado de viver a experiência de estar junto com os outros cristãos e em função deles, a serviço da missão eclesial comum e única.

5. A transmissão do carisma

Pus nele o meu espírito. (Is 42,1)

“**Q**ue beleza, pelas montanhas, os passos de quem traz boas-novas, daquele que traz a notícia da paz, que vem anunciar a felicidade, noticiar a salvação” (Is 52,7). “*Todos que estais com sede, vinde buscar água! Quem não tem dinheiro venha também! ...farei convosco uma aliança definitiva*” (Is 55, 1.3). A imagem poética dos pés do mensageiro destaca a importância e a excelência da boa notícia que ele proclama. São ótimas notícias, porque serão como um novo êxodo que culminará em uma nova aliança.

Se anuncia a todo o povo, mas especialmente a quantos têm sede, aos que estão buscando se dá gratuitamente. As dádivas proclamadas, a libertação, a paz, a construção de um futuro de prosperidade... são precedidas e animadas por algo mais profundo, que é o espírito que o Senhor infunde em seu Servo: “*Pus nele o meu espírito, ele vai levar o direito às nações*” (Is 42, 1), do qual o povo também se beneficia: “*derramarei meu espírito nos teus descendentes, minha bênção em teus rebentos*” (44,3).

5.1. A experiência do Espírito

Essa descrição que o profeta faz do mensageiro nos parece muito apropriada para ser aplicada à comunidade consagrada que sai de seu reduto para compartilhar e transmitir seu carisma fundacional a todos os leigos com os quais compartilha a missão ou que desejam fazê-lo.

A comunidade vai ao encontro das pessoas, as aceita como elas são, se solidariza com suas necessidades, se envolve na conquista de sua felicidade, lhes proporciona a formação e a motivação necessárias para que encontrem significado e valor no que fazem, e as torna corresponsáveis pela missão comum. A comunidade comunica sua experiência interna de fraternidade, sua sensibilidade às necessidades de sua missão, sua experiência de espirituali-

dade. E enquanto a comunidade ‘se doa’, muitos dos beneficiários intuirão o que está dando vida a essa doação, o carisma.

Uma história de Anthony de Mello nos ajuda a entender isso: *“Um monge encontrou uma pedra preciosa e a levou consigo. E logo a entregou a um viajante que a viu e a pediu. O viajante voltou para lhe devolver a pedra e disse: Agora me dê algo mais valioso do que essa pedra: dê-me o que permitiu que você a desse e a entregasse a mim”*⁶.

No final, o gerador de todo esse dinamismo é o carisma fundacional, que nada mais é do que a experiência do Espírito. Em 1978, o documento do Vaticano *Mutuae Relationes* definiu o carisma original, ou ‘das origens’, ou ‘dos Fundadores’ da seguinte forma: *“O carisma dos Fundadores se revela como uma experiência do Espírito, transmitida por eles aos seus próprios discípulos, para ser vivida, guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida, em harmonia com o Corpo de Cristo em contínuo crescimento”* (n. 11).

É o Espírito que desperta nossa atenção para uma realidade externa de necessidade, de carência. Mas sempre a partir de uma atitude interna: a contemplação do plano salvífico de Deus, que nos torna seus instrumentos. A ação do Espírito nos faz sentir impressionados por essa realidade, nos impulsiona a reconhecê-la como um chamado de Deus e nos leva a dar uma resposta criativa a partir de uma perspectiva evangélica também inspirada por Ele.

A experiência do Espírito vivida pelos fundadores é reproduzida em seus seguidores, de várias formas e com diferentes intensidades. E essa experiência dará origem a diferentes projetos. Ou ainda: ela será derramada em diferentes recipientes da vida religiosa e laical, as quais lhe darão diferentes formas e aparências.

O carisma fundacional estimula cada membro da comunidade a descobrir os vários dons que o Senhor lhe concedeu para a missão, a fim de dar tes-

6 6 Citado por R. COZZA, o.c., p. 11. O conto completo em *O canto do pássaro*, Sal Terrae. Santander 1996, p. 182.

temunho do amor de Deus: a vida, a educação recebida, a preparação pessoal, as qualidades ou habilidades, a capacidade de entrega e generosidade; ou dons especiais como o discernimento dos espíritos, ou o celibato pelo Reino (cf. Mt 19,12), ou o saber fazer do *matrimônio um projeto a dois para o compromisso*.

No interior da Família carismática, as pessoas consagradas aprenderão a ser complementares na missão partilhada que todo o grupo realiza e a se deixar complementar pelos demais. E se preocuparão, acima de tudo, em contribuir com o que caracteriza particularmente a sua identidade religiosa, para recordar a toda a Família carismática aquela convicção que a Igreja adquiriu sobre si mesma, e que é igualmente válida para a Família, de que a sua razão de ser, a sua vocação, a sua identidade mais profunda é evangelizar (cf. EN, 14); que ela existe para a missão, e que qualquer outra ação ou objetivo que inclua o seu projeto deve ter como meta definitiva servir melhor à missão. Sua presença deve ser uma lembrança viva para todos de que *“a missão é uma paixão por Jesus, mas ao mesmo tempo uma paixão por seu povo”* (EG 268).

5.2. Qual o papel a figura dos Fundadores na transmissão do carisma aos leigos?

Os Fundadores são como as pontes do Espírito, escolhidos por Ele para transmitir seus carismas fundacionais à Igreja. Eles são como o mensageiro cujos pés sobre os montes o Segundo Isaías qualifica poeticamente (cf. Is 52, 7). Eles não são a mensagem, nem estão acima dela, pois a sua função é transmiti-la. Eles desempenharam um papel fundamental na recepção desses carismas e viveram de maneira especial a experiência de imersão no mistério de Cristo, de acordo com a nova luz que o carisma em questão lança sobre eles. Espera-se que eles sejam capazes de comunicar essa experiência privilegiada a seus discípulos.

Depois do fundador ou da fundadora, quem quer que se sinta chamado a participar desse mesmo carisma também deve passar pela experiência de entrar no mistério de Cristo sob a luz particular projetada pelo carisma

fundacional e vivê-lo à sua maneira, nunca como uma cópia. Então, em comunhão com os outros companheiros de carisma, juntos eles poderão refletir esse rosto particular de Cristo para a Igreja e para o mundo⁷. E a configuração com Cristo anda de mãos dadas com a construção do Reino de Deus: construí-lo e deixar-se moldar por ele, sempre a partir da perspectiva ou do mistério que o carisma realça.

Na transmissão do carisma aos leigos, a figura do fundador continua a ser um ponto de referência. Não se trata de saber muito sobre sua biografia ou sobre a história do Instituto. Além da simples admiração, devoção ou afeto, a relação do leigo com o fundador deve se manifestar em uma harmonia ou consonância com a experiência de vida descoberta no fundador. A partir dessa sintonia, o leigo passa a se referir ao fundador como ‘nosso fundador’, mestre e guia no caminho de desenvolvimento do carisma. Sem esquecer a comunidade inicial que se formou em torno do fundador e que, muitas vezes, exerceu grande influência sobre sua pessoa.

7 Cf. SICARI, A. M., p. 29-34

6. Propor uma atitude vocacional

Vinde procurar-me, ouvi-me e tereis vida nova (Is 55,6)

“**P**ois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do SENHOR.” (Is 55, 8). O profeta convida o povo a reconhecer sua miopia e a aceitar que o plano de Deus não se reduz ao que nossas expectativas alcançam, mas muitas vezes fica muito aquém delas. É necessário prestar atenção aos sinais que o Senhor nos dá, viver em uma atitude de busca, à escuta de sua palavra. “*Procurai o SENHOR enquanto é possível encontrá-lo*” (55, 6). A nova aliança que o Senhor oferece ao seu povo depende de que ele seja capaz de deixar de lado o que o ocupa agora – “*Para que gastar dinheiro com coisas que não alimentam? Por que trabalhar tanto pelo que não mata a fome?*” (Is 55, 2) – e se abra à palavra do Senhor: “*Vinde procurar-me, ouvi-me e tereis vida nova, farei convosco uma aliança definitiva,*” (55, 3).

O texto profético do Segundo Isaías culmina nessa mensagem de conversão, de mudança, na urgência de encontrar os caminhos do Senhor, tão diferentes dos nossos, e de nos adaptarmos a eles: “*Pois tanto quanto o céu acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos e meus pensamentos distantes dos vossos.*” (55, 9).

Pessoas possuídas pelo carisma

A transmissão de um carisma não pode ser confundida com o convite a entrar em certas estruturas ou a aceitar certos modos de comportamento, costumes, expressões, rotinas, aos quais a entrada em uma instituição, incluindo a Família carismática, seria reduzida se a atitude vocacional não fosse colocada em primeiro lugar. Isso requer a iniciativa e a criatividade dos sujeitos e da comunidade. A vitalidade do carisma dependerá do fato de a atitude vocacional ser mantida viva naqueles que vierem a se integrar na Família.

É uma atitude de escuta do Protagonista na missão da Igreja e, portanto, da Família carismática, o Espírito Santo. A consciência de ser possuidor do carisma fundacional deve despertar a preocupação de ser fiel, não às estruturas herdadas, mas ao dinamismo que o carisma promove incessantemente entre todos quantos o vivem. A ação do Espírito desperta e reaviva a nossa sensibilidade para determinadas situações, carências, necessidades... Ela abre nossos olhos para aquelas pessoas ou circunstâncias em que se manifesta a urgência do amor de Deus e nos ajuda a descobrir em nós mesmos todos os dons por meio dos quais podemos dar uma resposta positiva.

A sarça ardente na encosta da montanha só é reconhecida por aqueles que carregam essa mesma sarça dentro de si. Moisés já carregava dentro de si a angústia da escravidão de seus irmãos no Egito quando teve essa experiência no Monte Horeb. A sarça ardia dentro de Moisés, mas ele teve de reconhecê-la como o chamado e o envio de Deus para libertar os seus irmãos. Quem descobre um carisma, se é atraído por ele, é porque já o carrega dentro de si.

Aqueles que exercem a função de ‘transmissores’ devem adotar a pedagogia revelada na passagem do Êxodo (cf. Ex 3, 1-4.17) que mencionamos: despertar a sensibilidade para a escravidão e para as necessidades, reconhecê-las como solo sagrado, um lugar onde o próprio Deus está esperando para ser ajudado, um lugar onde experimentamos que Deus está contando conosco e nos enviando, ao mesmo tempo que nos promete: “*Eu estarei contigo*” (Êx 3, 12). Depois vem a percepção de nossas possibilidades, os dons com os quais podemos dar uma resposta melhor; e a percepção de que, ao nosso lado, está nosso irmão Aarão, em quem podemos confiar e com quem podemos nos complementar. O carisma fundacional sempre nos integra em uma Família, com a qual realizamos a missão, e nunca sozinhos.

São estas motivações que devem estar presentes na comunicação de um carisma, não os incentivos da organização institucional ou as necessidades da gestão empresarial das obras dirigidas pelo Instituto religioso. Não se trata de dar continuidade às obras, por melhores e mais rentáveis que sejam, mas de suscitar pessoas *vocacionadas*, possuídas pelo carisma, capazes de ser fermento e memória dele nas obras já existentes, e com audácia criativa

para gerar novas respostas que repensem essas obras ou inventem outras fora das existentes⁸.

A pessoa que começa a seguir um carisma ou que já o segue há algum tempo deve ser capaz de se ver de uma maneira nova, em uma vocação que se recria, porque a impele a perguntar ao Espírito os seus caminhos, que nunca são rotineiros, mas estão sempre desafiando sua liberdade e sua criatividade.

⁸ Cf. L. BRUNI, *La destrucción creadora*, pp. 44-45.

7. Processos de mudança

Alarga o espaço de tua tenda (Is 54,2)

O Senhor da história tem seu plano, Ele não age levemente. O profeta repete isso várias vezes e convida o povo a confiar no Senhor porque Ele não o decepcionará: *“Saberás, então, que eu sou o SENHOR, jamais fracassa quem em mim confia”* (Is 49, 23). Seu plano de salvação não se limita ao povo de Israel, mas é oferecido às outras nações: *“Minha justiça está perto, minha salvação já brotou; meu poder governará os povos, em mim esperarão os continentes, em meu poder colocarão sua esperança.”* (Is 51, 5). E mesmo que não seja fácil reconhecê-lo, o Senhor está presente, caminhando ao seu lado: *“Pois, então, naquele dia o meu povo ficará sabendo qual o meu nome. Eu sou aquele que diz: ‘Aqui a teu lado eu estou!’.”* (Is 52, 6). Seu servo atua como mediador, executando seu plano, mesmo que outros o desprezem: *“por ele a bom termo chegará o projeto do SENHOR”* (Is 53, 10). O povo é incitado a entrar nos planos do Senhor, que rompe com as velhas estruturas e os horizontes estreitos: *“Alarga o espaço de tua tenda, ligeira estende a tua lona – nada de economia – estica a corda, finca a estaca! Para todos os lados irás te expandir”* (54, 2-3).

7.1. Processos para fazer caminho, passo a passo

Para onde apontam os planos do Senhor? Se já reconhecemos que em seu plano está a participação dos carismas fundacionais por parte dos fieis de diversas formas de vida e o desenvolvimento de famílias carismáticas na Igreja-Comunhão, que processos as comunidades religiosas e os Institutos devem pôr em marcha, se quiserem ser sujeitos ativos na geração da nova vida eclesial?

Mas os processos de mudança incluem a própria instituição religiosa, que terá de se perguntar ao mesmo tempo: *Como a mudança que está ocorrendo afeta a nós, pessoas consagradas, a vida eclesial que está nascendo, a expansão do nosso carisma fundacional em novas vocações que o vivem de uma maneira di-*

ferente da tradicional? Como isso nos fará mudar? Que estruturas nossas podem (ou devem) ser afetadas? Que novas estruturas precisam ser criadas para facilitar o desenvolvimento da nova vida?

Colocamos essas questões sobre a mesa com uma atitude aberta, perguntando a nós mesmos o que temos de fazer no presente para que o futuro possa existir. A resposta não está em ações isoladas, mas em processos que nos permitem trilhar nosso caminho, passo a passo. E o caminho não é traçado por declarações capitulares de cima para baixo que adornam os grandes documentos do Instituto. O caminho se materializa graças a decisões que são tomadas onde está a vida: no encontro com as pessoas, na vida comunitária, na criação e no acompanhamento de grupos, no desenvolvimento de itinerários formativos, na preparação de formadores leigos, na criação de novas estruturas de animação que permitam uma autêntica corresponsabilidade dos leigos.

Toda decisão, por mais ousada que seja, não economiza o tempo necessário. Os processos que fazem parte da caminhada precisam de tempo, pois visam à transformação ou à conversão da pessoa, à mudança de atitudes, à aquisição de valores, ao desenvolvimento de capacidades. As pessoas precisam de tempo para mudar, para aprender a ser solidárias, a entrar em comunhão, a aprender, a se reconhecer como parte de uma história, a se sentir integradas em um todo humano, a se tornar corresponsáveis na animação da missão...

Por isso, as decisões mais eficazes são as que põem em movimento processos de mudança nas pessoas e nas instituições. E as mudanças culminam em atitudes, comportamentos e novas formas de viver a comunhão para a missão, como as seguintes:

- Os leigos participam e são integrados nas relações de comunhão e de pertença entre as pessoas e as comunidades. E as pessoas consagradas estimulam a comunhão abrindo suas comunidades à participação dos leigos e integrando-se em ações conjuntas com os outros membros da Família, sem protagonismos desnecessários.

- Os leigos se identificam com o carisma, aprofundam sua espiritualidade, participam de processos de formação conjunta com pessoas consagradas. E estas reconhecem e valorizam outras formas de viver o carisma, diferentes da vida religiosa, ao mesmo tempo em que recebem de forma positiva as contribuições dos leigos na vivência do carisma e da espiritualidade.
- Os leigos se sentem estimulados a responsabilizar-se e a discernir a missão; e, junto com as pessoas consagradas, decidem sobre as respostas e os recursos a serem utilizados. Em outras palavras, eles se tornam corresponsáveis pela missão, bem como pela fidelidade criativa com a qual o carisma deve ser vivido. E essa corresponsabilidade se manifesta nas várias estruturas que são estabelecidas para essa finalidade na família carismática, nas quais ambos podem participar em igualdade de voz e voto.

7.2. Três correntes dinâmicas

São essas as mudanças que moldam o horizonte no qual o futuro de nossas famílias carismáticas toma forma e se torna possível. Mas isso não acontece por geração espontânea. O caminho que nos leva a esse horizonte é impulsionado por três correntes dinâmicas, três processos que se entrelaçam, porque não são sucessivos, mas simultâneos e se apóiam mutuamente: o processo de comunhão, o processo de *identificação com o carisma e o processo de compromisso com a missão*. Em cada um desses três processos temos que investir para obter os frutos desejados.

- No primeiro investimos nas relações (*“criar laços”*, como disse a raposa ao Pequeno Príncipe na obra de Saint-Éxupéry), para obtermos o pertença.
- No segundo, investimos em *acompanhamento e formação*, para obtermos a *identidade*.
- No terceiro investimos na *animação compartilhada da missão*, para obtermos a *corresponsabilidade*.

Vamos dar uma olhada em cada um deles:

a) O primeiro é o processo de comunhão

Consiste basicamente em um trabalho artesanal de criação de vínculos; dessa forma se vai tecendo a família carismática e lançando a base afetiva da identidade coletiva, por meio da qual cada qual vai se sentindo parte do sujeito “nós”. Trata-se de estabelecer vínculos que criam relações, vínculos que facilitam a aproximação das pessoas, o conhecimento mútuo, a comunicação da experiência e a celebração da fé.

Esses vínculos começam a ser tecidos no momento da acolhida, quando a pessoa chega para participar de qualquer um dos trabalhos da instituição, seja como trabalhador, como voluntário ou como beneficiário direto. As pessoas devem ser capazes de sentir um senso de comunidade: que não entraram em um local de trabalho ou em uma estrutura organizacional sozinhas ou como prioridade, e sim em uma relação interpessoal, onde a pessoa vem em primeiro lugar.

A criação de vínculos deve continuar o tempo todo, no acompanhamento e na formação, estimulando o sentimento de pertença mútua e de solidariedade entre as pessoas que estão formando a Família carismática. Os vínculos são criados de baixo para cima, por meio do relacionamento entre os grupos próximos, entre as comunidades que formam a Província: é a comunidade religiosa que se abre e facilita a participação dos leigos em suas diversas atividades; é a comunidade de leigos que desenvolve seu próprio projeto e o compartilha com a comunidade religiosa; e, por fim, é a comunidade mista, formada por religiosos e leigos, com um projeto comum que respeita e facilita o compartilhamento da riqueza das diferentes identidades.

Dessa forma, a Província ou demarcação territorial deixa de ser a Província religiosa, mesmo que esta seja incluída, mas se amplia para incluir grupos e comunidades de leigos e comunidades integrada por leigos e religiosos.

b) O segundo é o processo de identificação com o carisma

Requer acompanhamento e formação pessoal. Não é equivalente a “aprender” conhecimentos que tenham a ver com a história da instituição ou dos Fundadores ou com características de espiritualidade. Tudo isso é bom em seu tempo e em sua medida, mas não é o que determina o processo de formação no carisma.

É a aquisição de uma identidade, que exige a transformação da pessoa, que começa no ponto e no momento existencial em que ela se encontra.

É um itinerário no qual devem se entrelaçar esses três fios:

- O desenvolvimento de experiências de vida nas quais o carisma é condensado ou manifestado, e que normalmente estão localizadas na vida do fundador ou da fundadora e no “mito inicial” ou história de fundação que deu origem à identidade coletiva dessa Família;
- O projeto que realiza a *resposta à missão* e onde identificamos as chaves para que possamos atualizá-la em nosso tempo e na Igreja;
- E a *espiritualidade* que dá sentido ao projeto, permitindo-nos valorizar a missão como obra de Deus, e nós como mediadores e instrumentos de Deus em sua obra de salvação.

c) O terceiro é o processo de compromisso com a missão

Esse 3º processo anda de mãos dadas com os dois anteriores e depende muito deles. Promove a corresponsabilidade. É um aprendizado no qual as pessoas, animadas e identificadas com o carisma fundacional, descubrem seu protagonismo na missão e o assumem de forma criativa. Dessa forma, elas passam a considerar o seu compromisso na comunhão e na missão.

Quando falamos de “*compromisso*” com um carisma fundacional, estamos nos referindo principalmente à dimensão que marca a vida em profundidade, embora possa ser vivida em maior ou menor intensidade. Não se

refere à dedicação por um determinado tempo ou esforço. É uma opção de vida, uma abordagem vocacional que assume os objetivos do carisma com relação à missão, bem como com os valores que ele promove. É feita a partir da situação humana específica em que a pessoa se encontra (e isso inclui as limitações de saúde, o projeto de casal ou de célibe, as múltiplas obrigações familiares, etc.) e não apesar dela.

Mas esse processo pessoal deve ser acompanhado, em nível institucional, pelo desenvolvimento de estruturas de discernimento, acompanhamento, animação e tomada de decisões nas quais leigos e religiosos estejam unidos em igualdade de condições. Não é suficiente aplicar as estruturas de animação e de governo próprias do Instituto para a animação e o governo da Família carismática.

7.3. Como lidar com as decepções no caminho?

O mais difícil em um processo, como um caminho, não é iniciá-lo, mas perseverar nele, mesmo que haja falhas. A decepção pode ocorrer porque confiamos em pessoas que, em determinado momento, não responderam positivamente ou foram embora. Ou porque esperávamos que os resultados fossem mais rápidos ou mais evidentes. Ou porque o pessoal religioso parece não estar envolvido em todo o processo. Ou por vários outros motivos.

É preciso ter paciência com as experiências, dar tempo para que sejam absorvidas pelas pessoas, possibilitar segundas chances, começar de novo com quem está no caminho. Reações ou resultados negativos não são, por si só, motivos para descartar o processo, mas para questionar as causas e produzir as correções necessárias, identificar os obstáculos e ver como corrigi-los, considerar se as metas são adequadas, ajustar as etapas do processo. E não cair no erro de “voltar à mesmice de sempre”, que dá segurança.

O progresso nesses processos de transformação de pessoas nunca é linear, mas *“em forma de serra”*: faz-se um pequeno progresso, ocorre um pequeno retrocesso ou estagnação, é necessário outro impulso... O discernimento deve se tornar habitual e incluir o maior número possível de agentes do processo.

8. A transmissão do carisma aos não-cristãos

Eu mesmo lhe falei, mais ainda, eu o chamei (Is 48,15)

É surpreendente notar o papel dominante atribuído a Ciro em todo o Segundo Isaías como o instrumento escolhido por Deus para a restauração do povo de Israel. Talvez essa insistência do profeta seja explicada pela recusa ou relutância de muitos israelitas em aceitar a escolha divina de um estrangeiro (cf. Is 45, 9-13), alguém que nem mesmo conhece o Deus de Israel: *“Eu te chamei pelo nome e te dei um encargo, sem que tu me conhecesses... Armei-te guerreiro e tu não me conhecias.”* (Is 45, 4-5); ou pela reflexão teológica após o exílio sobre a importância dessa figura na libertação de Israel. Às vezes o profeta o menciona explicitamente, colocando essas palavras na boca de Deus: *“Sou eu que falo do rei Ciro: ‘É o meu pastor, e todos os meus planos ele vai realizar.’”* (Is 44, 28). *‘Fui eu que despertei Ciro fazer justiça, e faço retos seus caminhos’* (Is 45, 13). Em outras ocasiões, sem nomeá-lo, ele é claramente mencionado por suas ações (cf. Is 41, 1-5; 48, 14-15).

Mas o que mais chama a atenção é o relacionamento pessoal de amizade que Deus estabelece, por iniciativa própria, com esse personagem estrangeiro e pagão: *“Assim diz o SENHOR a Ciro, o seu ungido, a quem tomou pela mão... Irei eu caminhando à tua frente.”* (Is 45,1-2) *“Eu mesmo lhe falei, mais ainda, eu o chamei, e fui eu que o conduzi e tornei vitorioso o seu caminho.”* (Is 48, 15).

Para entender este relacionamento tão especial, o profeta fornece o contexto. Ele fala de um Deus, *“o primeiro e o último”* (Is 48, 12), que conduz a história, toda ela; que está presente em todos os eventos, não os causando, mas usando-os todos: *“O meu projeto fica de pé, vou realizar tudo o que desejo.”* (Is 46, 10). O plano de Deus é que *“a minha salvação chegue até os confins da terra”* (Is 49, 6). Se Ele escolhe um povo em particular, é para que este seja sua testemunha (cf. Is 43, 12) da salvação que virá para todos. Mas Ele não se limita ao seu próprio povo, mas escolhe suas testemunhas e enviados em qualquer outro lugar e entre qualquer tipo de pessoas. Ciro é o seu sinal.

Um Espírito que não reconhece fronteiras

Além do papel histórico desempenhado pela figura de Ciro na recuperação do povo de Israel após o seu exílio, a mensagem do profeta transborda as expectativas de tantos fiéis de ontem e de hoje que vivem como refugiados e seguros dentro dos muros de sua Igreja; e quebra a imagem excludente de um povo que, em vez de ser escolhido, havia se apossado de Deus; e de uma Igreja cristã que, em vez de se sentir instrumento e sinal da aliança de Deus com toda a raça humana, pensa em limitar a ação santificadora da Trindade a seus próprios fiéis batizados.

Não há fronteiras para o Espírito Santo. E temos a prova disso nos carismas fundacionais: são aqueles rios do Espírito que transbordaram os muros dos Institutos religiosos, mas que não se limitam às fronteiras oficiais da Igreja Católica ou das Igrejas cristãs. Eles são construtores do Reino e se conectam com as profundezas do ser humano para resgatar, valorizar e fortalecer tudo o que favorece a sua realização, tudo o que pode fazer um mundo melhor. Não se limitam aos aspectos religiosos e não são propriedade das Igrejas. Os dinamismos do Espírito Santo podem ser encontrados em qualquer pessoa, independentemente de qualquer religião ou em concordância com qualquer uma delas.

O Concílio Vaticano II baseou essa reflexão no que chamou de *“sementes do Verbo”* (Decreto “Ad Gentes”, 11.2 e 15.1), que podem ser encontradas em outras culturas e religiões. Muitos elementos que nós cristãos relacionamos à mensagem da Palavra encarnada, Jesus Cristo, já estão presentes como sementes em outras culturas e religiões, e podemos reconhecê-las nas pessoas não cristãs.

Com a pouca experiência que tivemos com pessoas de outras religiões e humanismos, notamos que, quando elas entram em contato com sistemas de valores ou escolas de espiritualidade com raízes cristãs, sentem-se à vontade neles. E isso porque elas encontram refletidos ou aprimorados muitos dos valores e contribuições de significado que também estão presentes, de forma explícita ou implícita, em sua própria religião ou em seu próprio sentido de vida.

Se partirmos de um carisma fundacional que foi vivido em uma tradição explicitamente cristã e, mais concretamente, na Vida Religiosa, precisaremos destacar as “camadas” que compõem esse carisma internamente, para não confundi-lo ou reduzi-lo ao verniz da cultura cristã ou religiosa em que foi expresso até agora, e para poder comunicá-lo naquilo que é perceptível do ponto de vista mais profundamente humano.

Vamos dar um exemplo concreto, a partir da experiência mais próxima do escritor, de como um carisma fundacional dedicado, neste caso, à educação humana e cristã dos jovens, especialmente dos pobres, pode ser compartilhado com educadores de diferentes orientações religiosas e humanistas.

- Encontramos uma primeira camada que é essencialmente humana ou “humanística”. Refere-se, por exemplo, à valorização absoluta da pessoa dos alunos, além de quaisquer qualidades ou defeitos que eles possam ter, e cujas necessidades são percebidas como apelos ao educador. A espiritualidade desenvolvida por esse carisma enfatiza o mistério da pessoa, que é capaz de superar sua realidade atual, é dotada de liberdade e pode decidir entre o bem e o mal. Enfatiza a relação de solidariedade na educação e na formação. Ressalta a relação de solidariedade na qual os alunos devem ser educados e a atenção especial que merecem quantos são mais pobres. Apresenta o educador como um mediador no desenvolvimento integral dos alunos e lhe recorda de que sua contribuição mais importante para a educação das crianças não consiste em conhecimento teórico, mas em um modo de vida, que é transmitido pelo exemplo, mais que por palavras.
- A segunda camada dá significado religioso à anterior e revela a relação da pessoa dos alunos e da pessoa do educador com Deus. Cada qual poderá traduzir em suas próprias categorias religiosas a mediação assumida pelo educador, mas também o mistério e a interioridade da pessoa, a obra de salvação que Deus realiza por meio de nós, a preocupação com os mais pobres...
- E o terceiro estrato, explicitamente cristão, retoma os anteriores e os interpreta a partir da história da salvação que nos é apresentada na Bíblia e à luz do mistério pascal de Cristo. A esse estrato pertence grande parte do vocabulário, das expressões, dos símbolos e das imagens que

compõem a maneira de expressar nosso carisma por parte de quantos o viveram até agora.

No primeiro estrato, podemos encontrar e reconhecer uma grande parte dos educadores. Esse é o primeiro nível de transmissão e comunicação do carisma. O segundo favorecerá o diálogo em ambientes culturais multirreligiosos e ajudará as pessoas de outras religiões a entrarem em sintonia com o carisma e a se sentirem herdeiras dele. O terceiro permitirá que os cristãos reconheçam e apreciem a riqueza que recebemos com nossa fé.

9. Um seio para gerar a comunidade

Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora (Is 43,19)

O novo ressoa na mensagem do Segundo Isaías como uma característica permanente de sua proclamação e como algo que já faz parte do presente, “*Eis que estão surgindo agora*” (Is 43, 19), ou que está prestes a acontecer, “*a minha salvação não foi adiada*” (Is 46, 13), que se impõe ao passado e o supera (cf. Is 43, 18). A novidade é expressa de forma exultante sob a figura da fecundidade, que agora chega por obra do Senhor a Jerusalém, que era como uma mulher estéril: “*Canta, ó estéril, tu que não mais dás à luz! Explode de alegria e dá vivas, tu que já não tens as dores do parto! Pois os filhos da mulher abandonada são mais numerosos que os da casada, diz o SENHOR!*” (Is 54, 1). E a nova situação de fertilidade será tal que ela será obrigada a ampliar o espaço de sua habitação (cf. Is 54, 2) e a esquecer seu tempo de esterilidade: “*Não tenhas medo, não ficarás desapontada! Não fiques com vergonha, não há motivo de corar o rosto! Deverás esquecer para sempre a vergonha que passavas na juventude, nunca mais hás de lembrar as decepções do tempo de viúva.*” (54, 4).

O poço e a água

Um ventre estéril redescobrimo a fecundidade. A Vida Consagrada tem em si uma capacidade vivificante da qual os institutos religiosos muitas vezes não estão plenamente conscientes. O poço que deveria fornecer água vivificante ficou entupido por estruturas, ritos e práticas que, em princípio, foram instaladas com a boa intenção de facilitar o acesso ou a circulação da água, mas que depois foram justificadas por si mesmas, tornando-se impedimentos para alcançar seu objetivo ou, pelo menos, seus sucedâneos. Estamos falando da *comunhão fraterna*.

“*Com a constante promoção do amor fraterno na forma de vida comum, a Vida Consagrada mostra que a participação na comunhão trinitária pode transformar as relações humanas, criando um novo tipo de solidariedade*” (VC, 41). A

“forma de vida comum” é justamente esse poço que tem como finalidade ser dinamismo de vida e sinal de comunhão fraterna, mas também pode se transformar em um útero estéril e esterilizante que, além de esconder ou reprimir a vida que o justifica, impede que seus habitantes sejam profetas do amor fraterno para além dos muros da comunidade.

Também aqui a novidade anunciada no Segundo Isaías envolve uma refundação, em dois sentidos:

- Na reafirmação da comunhão fraterna como centro de nosso modo de vida, como um espaço teológico no qual podemos experimentar a promessa do Senhor ressuscitado: *“Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles”* (Mt 18, 20); e, a partir desse propósito, relativizamos todas e cada uma das estruturas que contribuem para moldar nossa vida comunitária;
- Em converter nossa comunidade em meio de comunicação com os leigos, especialmente com aqueles com quem compartilhamos a missão; fazer dela um lugar de encontro, um centro privilegiado para a transmissão do carisma, para compartilhar a experiência de comunhão, a experiência de espiritualidade e a imersão na missão.

A comunidade foi para a Vida Consagrada o ventre materno no qual seus membros receberam o Espírito, que os uniu na comunhão de vida fraterna e os guiou no cumprimento de sua missão de serviço à Igreja e a toda a humanidade (cf. VC, 42), seguindo o carisma que lhes foi concedido. Pelo menos, esse tem sido o caso enquanto a comunidade não se deixou aprisionar e sufocar por práticas rotineiras que se impuseram à qualidade e à profundidade das relações interpessoais.

A comunidade será também o ventre materno no qual os leigos poderão nascer para a vida que lhes traz o carisma fundacional, que passa pelos múltiplos vínculos que o dinamismo comunitário é capaz de desenvolver, através dos simples encontros informais e das variadas celebrações dos eventos cotidianos, dos momentos ocasionais ou programados de reflexão e formação, dos momentos de oração, da participação na missão... No início será

necessário buscar a oportunidade do convite, depois a participação se tornará cada vez mais frequente, com base na liberdade pessoal; dependendo do caso ou do tipo de vida consagrada, o leigo poderá se tornar membro da comunidade ou estar associado a ela. Mas também outra comunidade pode ser formada, reunindo leigos já iniciados no carisma, que estabelecerão sua própria dinâmica comunitária. Entre as duas comunidades, a religiosa e a leiga, bem como entre todas as que serão formadas, deve-se buscar uma forte relação de fraternidade, longe de paternalismos.

Tudo isso trará consigo a necessidade de muitas mudanças para as pessoas consagradas, mudanças no modo como vivem sua vida religiosa, sua vida comunitária, mudanças que terão de ser discernidas e que não precisam afetar a substância de sua consagração.

Pistas para reflexão pessoal e comunitária

1. Como no capítulo anterior, no início de cada seção há uma breve resenha; assim também no Segundo Isaías, fazemos o mesmo em relação ao seu tema específico. Propomos ler essas resenhas diretamente, começando com a que abre o capítulo, e baseados nelas, dialogar sobre o que elas nos sugerem. Que sinais encontramos para poder interpretar o momento que estamos vivendo, para poder reconhecer nossa história atual como uma história de salvação?
2. Que caminhos precisamos percorrer em nossa Vida Consagrada para sair ao encontro e estabelecer uma relação positiva de cooperação entre fiéis, leigos e religiosos? Que montes precisamos demolir e que vales precisamos elevar? Identificamos as áreas enrijecidas que precisam ser mais flexíveis? Em que pode consistir para nós a arte do despojamento?
3. O texto fala de uma mudança de paradigma nas relações eclesiais e na mediação que devemos exercer na transmissão do carisma. Quais nos parecem ser as características mais essenciais, às quais estamos menos acostumados, talvez por causa da formação que tivemos?

4. Precisamos nos refundar no carisma? Em que aspectos essa refundação nos parece mais urgente?
5. A abertura do nosso carisma aos leigos e o conseqüente encontro e relacionamento mais próximo com eles tem sido particularmente difícil para a comunidade religiosa? E a comunidade religiosa foi capaz de se abrir e renunciar à imunidade?
6. Ao tentar compartilhar ou transmitir nosso carisma aos leigos, o que achamos mais difícil comunicar? E ao apresentar a figura de nosso fundador ou fundadora, conseguimos transmitir a experiência carismática, além das anedotas biográficas?
7. Uma atitude vocacional: o que queremos despertar quando apresentamos nosso carisma a outras pessoas. Em que ele deve se manifestar? Em que devemos nos apoiar para que a apresentação do carisma desperte mais uma busca do que a simples continuidade das obras herdadas.
8. Quanto aos processos de mudança, a Vida Consagrada está envolvida na mudança que a partilha dos carismas fundacionais traz? E quanto ao nosso Instituto?
 - *O caminho se materializa graças às decisões que se situam onde está a vida:* Além do que está escrito em nossos documentos, que processos estão ocorrendo no ambiente de nossas comunidades que favorecem uma nova forma de viver a comunhão para a missão entre leigos e pessoas consagradas?
 - *Investir no relacionamento, no acompanhamento e na formação, e na animação partilhada para a missão:* Como esses três processos estão ocorrendo em nossa instituição? Sentimos que o investimento está sendo feito de forma completa e com planejamento?
9. Temos experiência de partilhar nosso carisma em alguns níveis com pessoas de outras religiões ou com não-crentes? Em que estratos desse carisma temos mais facilidade de estar em sintonia?
10. Até que ponto e de que forma concreta nossa comunidade está sendo um ponto de encontro e um meio de comunicação com os leigos, um centro de transmissão do carisma?

TERCEIRA PARTE

UMA NOVA FAMÍLIA
QUE ACOLHE A VIDA CONSAGRADA

NOSSO FILTRO DE LEITURA: O TERCEIRO ISAÍAS (IS 56-66)

O Terceiro Isaías (Is 56-66) realiza sua atividade profética no período imediatamente posterior ao exílio. Seu grande objetivo é a formação de um povo ou comunidade que renova sua aliança com Deus, mas uma aliança que também é nova em muitos aspectos. É uma situação radicalmente diferente daquela em que viviam antes. É um grupo heterogêneo no qual muitos estrangeiros estão integrados, novos residentes que devem ser reconhecidos e aceitos pelos anteriores como membros plenos, e que também devem se identificar com a aliança que dá vida e coesão ao povo (cf. Is 59, 21; 66, 21).

É uma nova época, uma era difícil, porque tudo ainda está sendo construído. Eles trazem consigo velhos hábitos e práticas que precisam mudar ou abandonar. Eles são movidos pela decepção e pelo desânimo, desconfiam dos recém-chegados e os desprezam; os recursos são escassos e as estruturas, inúteis.

O profeta não esconde a realidade. Ele a descreve, a denuncia (cf. Is 58, 1) e convoca o povo a assumir sua responsabilidade, a confiar na fidelidade e no poder criativo de Deus, a acompanhar a adoração com justiça, a viver em solidariedade e a cuidar dos oprimidos e empobrecidos. Então *“serás um jardim bem irrigado, mina d’água que nunca pára de correr. E a tua gente reconstruirá as ruínas que pareciam eternas, farás subir os alicerces que atravessaram gerações, serás chamado reparador de brechas, restaurador de caminhos, para que lá se possa morar”* (Is 58, 11-12).

É nessa fragilidade tão palpável que o profeta proclama sua mensagem de esperança e revela uma realidade que escapa aos olhos da maioria: uma nova Jerusalém na qual, com seus antigos habitantes, muitos estrangeiros são recebidos como membros de pleno direito, *“que aderiram ao SENHOR para prestar-lhe culto e amar o nome do SENHOR, para serem seus servos, (...) e ficam firmes na minha aliança,”* (Is 56, 6). É o poder do Senhor que realizará a comunhão de muitos povos na nova cidade de Deus. É com esses sentimentos que o profeta escreve o belo poema que ocupa todo o capítulo 60: *“Levante-se, Jerusalém! Brilhe, pois chegou sua luz. (...) Lance um olhar em volta e veja: todos esses que aí se reúnem vieram procurá-la”*.

O profeta não age por iniciativa própria. Todo esse trabalho de reunir, convocar, encorajar, conscientizar... é conduzido pelo Espírito do Senhor que o chamou, ungiu e enviou. A proclamação da vocação do profeta ocupa um lugar central nessa terceira parte do livro de Isaías. Para os primeiros cristãos, é um texto que reflete, em síntese, o programa da missão de Jesus, e eles o colocam em sua boca (cf. Lc 4, 16ss), pois nele adquire seu pleno cumprimento:

“O espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu. Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres.....” (Is 61,1).

1. Uma nova criatura: a Família carismática

Farás subir os alicerces que atravessaram gerações (Is 58,12)

É outra era que o profeta por trás do “Terceiro Isaías” anuncia desde o início. É a passagem do particularismo judaico para o universalismo de uma aliança que não é determinada por laços hereditários, mas por uma decisão pessoal de servir ao Senhor e fazer sua vontade. Somente sob essa condição, aqueles que tradicionalmente foram excluídos da aliança, “*vou levá-los para minha santa montanha, vou fazê-los felizes em minha casa de oração*” (Is 56, 7).

Os novos não vêm emprestados, nem permanecerão em um segundo nível; mas também não são esquecidos os que foram dispersos, mas todos são reunidos em um só povo: “*Oráculo do SENHOR Deus, que reúne os dispersos de Israel: “Vou reunir outros ainda aos que já foram reunidos”* (Is 56, 8). É uma “*refundação*”: “*farás subir os alicerces que atravessaram gerações*” (Is 58,12). E a garantia de sua autenticidade será o Espírito que o Senhor lhe dá: “*O meu espírito que está em ti e minhas palavras que pus em teus lábios*” (59, 21).

1.1. Mudança de protagonismo

Nesta terceira parte, o primeiro ator não é mais a Vida Consagrada ou um instituto religioso em particular. Entra em cena uma nova criatura: a *Família carismática*, que, como a define o Papa Francisco, “*inclui vários Institutos que se reconhecem no mesmo carisma, e sobretudo cristãos leigos que se sentem chamados, precisamente em sua condição laical, a participar do mesmo espírito carismático*”¹. E à medida que cresce e amadurece, ocorre uma interação e uma mudança de protagonismo entre a Vida Consagrada, que se esforça para integrar-se à Família carismática, e esta última, que a acolhe, sem di-

1 FRANCISCO, Carta apostólica a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida consagrada, 21/11/2014, III.1

luí-la e, ao mesmo tempo, enriquecendo-a com os dons e sinais proféticos que a Vida Consagrada traz à vida cristã.

O universalismo expresso no Terceiro Isaiás foi promovido pelo Concílio Vaticano II através da Igreja-Comunhão. Cada família carismática tenta encarná-lo desde seu carisma fundacional. Nela, convocados pelo carisma, os vários estados ou formas de vida cristã se reúnem e são experimentados como *“modalidades ao mesmo tempo diversas e complementares, de modo que cada uma delas tem sua fisionomia original e inconfundível e, ao mesmo tempo, cada uma delas está em relação com as outras e a seu serviço”* (ChL 55, 3).

Neste pequeno ecossistema em que se combinam a igual dignidade, a vocação comum à santidade, a diversidade e a complementaridade, o Instituto religioso deve situar-se e tomar as medidas para que o papel de liderança seja desempenhado por toda a Família carismática; e sua própria contribuição, longe de inibir os outros membros da Família, os estimula a também darem sua contribuição com a maior criatividade e buscando a complementaridade de todos.

Da paternidade à fraternidade

Há um primeiro momento no nascimento de uma Família carismática que certamente tem um aspecto paterno-materno. O Instituto religioso tem sido tradicionalmente visto nesta função. Talvez seja mais adequado comparar a intervenção do Instituto nesses primeiros momentos geradores com a de uma parteira, que assegura as melhores condições para o parto, sabendo que a geração se deve à ação do Espírito em sua esposa, a Igreja.

O Instituto não dá “seu carisma”, mas compartilha com outros fiéis o carisma comum recebido do Espírito Santo. Portanto, a atitude que deve predominar em suas relações com os outros membros da Família carismática é *fraterna*: todos são irmãos e irmãs no mesmo carisma, na mesma Família. E essa atitude se revela no esforço e na estratégia para que os leigos assumam

sua própria responsabilidade e tomem em suas próprias mãos a iniciativa de viver o carisma e a missão.

Aqui é oportuno fazer um esclarecimento, que é ao mesmo tempo uma escolha de perspectiva global, uma vez que o sistema de relações e as estruturas de corresponsabilidade que serão definidas à medida que a Família carismática se desenvolve dependerão disso. A entrada de um leigo na Família carismática não é equivalente ou dependente de sua agregação, de alguma forma, ao Instituto religioso que está na origem da Família em questão. O Instituto permanece composto, única e exclusivamente, pelas pessoas consagradas que nele professam, segundo a modalidade canonicamente reconhecida.

O dinamismo gerador que está na base da Família carismática não produz o movimento dos leigos em direção ao Instituto, mas o do Instituto e dos leigos em direção à Família carismática. A pertença, portanto, é dada em relação à Família; e os possíveis graus de pertença são estabelecidos em relação a ela, não ao Instituto. E é essa integração do Instituto na Família, junto com os leigos que compartilham o mesmo carisma fundacional, que exigirá que o Instituto modifique suas próprias estruturas de animação e de governo (Capítulos, Conselhos...) na medida exigida pelas novas estruturas que reúnem leigos e consagrados no discernimento do carisma ou na corresponsabilidade da missão. Tudo isso sempre no respeito à especificidade e à disciplina interna do Instituto².

Com a fraternidade também a experiência

A atitude fraterna deve ser combinada com a ajuda de uma pessoa especialista no assunto. É por isso que o Instituto religioso oferece sua experiência, respaldada por sua própria história, do carisma, da espiritualidade e do serviço à missão. As pessoas consagradas que acompanham ou participam da formação dos leigos o fazem não porque seus votos lhes conferem autoridade, mas porque se tornaram especialistas na vivência deles.

Logicamente, à medida que os leigos se envolvem profundamente na vida da Família carismática e se enraízam na espiritualidade que lhe é própria

² Cf. VC 56.

e se comprometem na visão e adquirem a cultura que produziu essa história..., dentre eles emergem também especialistas que podem animar a formação e ser acompanhantes, não só de outros leigos, mas também de religiosos e religiosas.

Esse será o momento em que a Família carismática alcançará a maturidade, quando o carisma estiver sendo compartilhado fraternalmente a partir de diferentes identidades e projetos de vida, quando as diferenças forem valorizadas positivamente sem romper a fraternidade, e cada vocação da Família trazer a todos os demais um sinal que revela a riqueza do carisma.

Uma criatura nova que busca seus fundamentos e constrói sobre eles

A Família carismática tende a adotar critérios de pertença mais inclusivos, baseados basicamente na sintonia com o carisma fundacional, diferentemente do Instituto religioso que, mesmo que apenas por exigência canônica, mantém limites claros e critérios rigorosos de pertença por profissão religiosa. Sobre esse fundamento constrói sua casa: busca integrar os Institutos de vida consagrada e outros grupos e associações leigas nascidas do mesmo carisma.

A Família assume outra tarefa que ainda está pendente em muitos casos: a de identificar os grandes rios dos quais viemos e aos quais nossos fundadores imediatos são devedores, bem como os rios que derivaram dos nossos. Uso aqui a analogia do rio, aplicado aos carismas fundacionais, em oposição aos poços que estão escondidos nas propriedades cercadas. A comunicação com o grande rio do qual nascemos foi muitas vezes interrompida, e de forma recíproca. Chega a hora de recuperar os vínculos perdidos e de revitalizar-se mutuamente. As possibilidades de expansão da Família carismática estão apenas sendo analisadas.

1.2. Família carismática e Família eclesial

São duas criaturas da Igreja-Comunhão, com uma relação de proximidade muito forte, de modo que podem ser confundidas uma com a outra, até mesmo no nome, cujo uso ainda é hesitante³.

“*Família Eclesial*” é considerada oficialmente como uma *Nova Forma de Vida Consagrada*⁴. Mas muitas das características pelas quais ela é definida são perfeitamente aplicáveis à outra realidade que é objeto de nossa reflexão neste caderno, a Família Carismática. Veja, por exemplo, o conceito de “família eclesial” definido nas Atas do 5º Encontro de Novas Formas de Vida Consagrada (2019): “*Por família eclesial entendemos a associação de vários estados de vida enriquecidos por um único carisma. A família eclesial é uma concretização carismática da eclesiologia de comunhão. Foi verificado um passo da comunhão entre os estados de vida na Igreja para a comunhão entre os estados de vida em um único carisma*”⁵.

“*Consagração carismática*” é o termo que parece ser consensual entre as Famílias Eclesiais para designar, de modo inclusivo, os vínculos que unem os membros de uma Família Eclesial, embora cada uma a realize na especificidade própria de seu estado de vida: sacerdotes, religiosos e casados⁶. Tampouco se trata de uma diferença essencial com relação às Famílias Carismáticas, nas quais é comum encontrar algum tipo de vínculo com caráter de consagração, oferta ou aliança, que poderia ser perfeitamente incluído nesse termo.

Sem continuar analisando e comparando muitos outros elementos que podem ser encontrados em ambos os tipos de famílias, vamos agora examinar a principal diferença e ver se suas consequências são significativamente diferenciadoras.

3 Cf. Atas do 5º Encontro das Novas Formas de Vida Consagrada (2019), nº 22-23. En L. GROSSO GARCÍA (ed.), *Vocação e carisma. A vivência das Famílias Eclesiais*, Madri, 2021, pág. 277.

4 Várias já obtiveram o reconhecimento canônico pontifício. Das nascidas na Espanha são três: A Obra da Igreja (1997), a Fraternidade Missionária Verbum Dei (2000) e o Instituto Id de Cristo Redentor, missionários e missionárias identes (2009).

5 Cf. Atas do 5º Encontro das Novas Formas de Vida Consagrada (2019), nº 10-11.

6 Idem, nº 24-32

É claro que, em ambos os casos, o carisma é a pedra fundamental e o eixo direcional de todo o desenvolvimento e crescimento da Família, bem como o aglutinador entre os vários estados de vida que nela se reúnem. Na Família Carismática, o carisma fundacional é pré-existente ao ecossistema eclesial promovido pelo Concílio Vaticano II; e é refundando-se nesse ecossistema Igreja-Comunhão que ele dá origem à Família Carismática. Na Família Eclesial, pelo contrário, o carisma fundacional nasce nesse ecossistema, e é o próprio fundador que põe em movimento o processo de compartilhamento do carisma entre os diversos estados de vida.

No primeiro caso, será necessária uma conversão de pessoas e instituições que vêm detrás, de outra forma de viver o carisma “exclusivamente”, normalmente da vida religiosa, e deve haver uma mudança significativa das estruturas que tornam possível a comunhão e a vivência do carisma em comunhão. O processo pode ser longo, e há o risco de que os obstáculos da tradição mantenham os recém-chegados como meros colaboradores.

No segundo caso, tudo pode ser mais fácil, porque aparentemente se começa do zero, sem vícios adquiridos, e a comunhão fraterna pode instalar-se naturalmente. No entanto, a experiência nos adverte que os “velhos vícios” se infiltram sub-repticiamente na nova estrutura, se não tivermos o cuidado de detectá-los e combatê-los antes que “se instalem”. Esse é o caso do clericalismo, “*um dos piores males que a Igreja tem nos dias de hoje*”, nas palavras do Papa Francisco, cujas manifestações não são excepcionais em algumas das relações internas das Famílias Eclesiais.

Tanto o remédio, para alguns, quanto o antídoto, para outros, foram sugeridos na exortação apostólica *Vita Consecrata*, de João Paulo II, falando das Novas Formas de Vida Evangélica: “*Os antigos Institutos, (...) podem ser enriquecidos entrando em diálogo e trocando seus dons com as fundações que vêm à luz do dia em nosso tempo*” (VC, 62). Nós o aplicamos aqui ao fruto dos carismas antigos e novos no contexto da Igreja-Comunhão. As duas criaturas nascidas não devem se desconhecer mutuamente, mas, muito pelo contrário, precisam entrar em diálogo do qual ambas sairão muito beneficiadas. A atmosfera sinodal que estamos vivenciando na Igreja também está nos impulsionando na mesma direção.

2. Os novos portadores do carisma

O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim (Is 61,1)

No centro de sua mensagem, e como que para dar força e justificar tudo o que proclama, o Terceiro Isaías coloca esta afirmação de sua própria vocação, na qual a iniciativa é inteiramente de Deus: “*O espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu*” (Is 61, 1a). E então ele apresenta sua missão, atribuindo-a diretamente àquele que o enviou: “*Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres*” (Is 61, 1b); ele não se apresenta nem atribui a si mesmo a iniciativa; mas, ao mesmo tempo, leva a sério toda a responsabilidade de sua missão.

Os primeiros cristãos leem essas palavras e veem que elas se cumprem em Jesus de uma forma muito paradigmática. E é por isso que o evangelista Lucas as coloca em sua própria boca, na leitura que Jesus faz aos seus vizinhos em Nazaré, e depois acrescenta: “*Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir*” (Lc 4, 21).

“Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4, 21).

A afirmação de Jesus em Nazaré depois de ler essa passagem de Isaías se torna atual em cada Família carismática e com cada novo membro que nela se incorpora; entretanto, não de forma automática, mas como um desafio utópico que está sempre além de qualquer realização humana. Porque não é ato de um dia, mas vocação para um estilo de vida. E não é uma reação ilusória a uma promessa de felicidade, mas a consciência de ser chamado, reunido, consagrado e enviado pelo Espírito, na forma de vida laical ou religiosa.

Quem chega atraído pelo carisma de uma Família carismática, o que deve encontrar como oferta para unir-se a ela é um caminho cujo programa pode ser resumido nas palavras do profeta: *O Espírito do Senhor está sobre mim... Ele me enviou para levar a boa notícia aos pobres, para curar... e para proclamar a libertação.* E a condição para ser aceito é seu compromisso pessoal em

solidariedade com toda a Família, de tornar essas palavras verificáveis um pouco mais a cada dia: *Hoje isso se cumpre diante de vocês.*

É, portanto, uma atitude profética, e não uma colaboração dócil, que se exibe na porta de entrada de uma Família carismática que aspira manter vivo o seu carisma. O convite a assumir a responsabilidade pelo dom ou carisma que lhe foi confiado é inseparável da acolhida fraterna que devem encontrar aqueles que desejam fazer parte da Família. Essa responsabilidade é inerente à vocação com a qual a pessoa se sente pertencente a um carisma. Tomamos emprestadas aqui as palavras de Luigino Bruni: *“Há um mistério de solidão no coração da profecia bíblica e em toda vocação a um carisma. A vocação profética não é, antes de tudo, um chamado para uma vida pessoal feliz, mas um envio para realizar uma tarefa de libertação e felicidade para outras pessoas”*⁷.

A invenção laical do carisma

Os leigos que se identificam com um carisma que tem sido vivido apenas por religiosos e religiosas precisam descobrir ou inventar uma maneira laical de vivê-lo. Em diálogo com os religiosos, mas a principal iniciativa e criatividade deve vir dos leigos. Eles não precisam inventar “outro carisma”, mas sim a sua expressão, o seu modo de vivê-lo, que em muitos aspectos será semelhante ao da Vida Religiosa, mas em muitos outros aspectos terá de mudar. Os novos portadores do carisma terão de dar a sua contribuição para uma reformulação discernida por todos. Se esse carisma for capaz de inspirar nas novas gerações e em formas de vida que não coincidem com as tradicionais uma resposta significativa às necessidades do tempo presente, isso significará que o Espírito ainda está presente nele, mantendo-o vivo e dinâmico⁸.

A busca de uma nova expressão pode vir depois de viver o carisma, de se identificar com ele; depois de se sentir possuído pelo carisma. O encontro não é intelectual, não é resultado de conhecer ou saber coisas sobre o

7 L. BRUNI, *o.c.*, p. 84.

8 D. O'MURCHU, *Rehacer la vida religiosa. Una mirada abierta al futuro*. Publicaciones Claretianas, Madrid 2001, p. 28.

carisma. É a experiência interior de sentir-se revelado ou desvelado pelo carisma: como se ele trouxesse à luz o que tínhamos em nosso interior e não conhecíamos plenamente.

A sintonia com o carisma não significa acomodação a algo externo; refere-se, antes, à descoberta e à identificação da própria imagem, reconhecida no carisma, de modo que se chega a dizer: esta é a minha identidade. A partir desse momento, a pessoa se dá conta de que muitas palavras ou simbolismos com os quais o carisma lhe foi apresentado se chocam com o que ela está vivendo, ou que são sapatos ou roupas que não correspondem ao seu estilo: então ela tenta buscar outras expressões na cultura, no ambiente e nas mediações em que sua vida é moldada, que revelam melhor o que ela está experimentando em seu íntimo.

A Família começa uma fase frutuosa quando o carisma nasce dos leigos, quando os leigos não se limitam a copiar uma herança, mas são capazes de enriquecê-la com a própria originalidade e criatividade. Os beneficiários não são somente os leigos, mas também a Vida Consagrada, se souber estar atenta às contribuições dos leigos. A contribuição dos leigos, ao ser discernida, ajudará a rever criticamente as expressões culturais herdadas de épocas passadas na Vida Religiosa, a relegar aquelas que se tornaram ultrapassadas ou inadequadas para a atualidade, a assumir novas e, acima de tudo, a identificar melhor o que é essencial e onde a vida leiga e a vida consagrada podem coincidir.

“Porque o Senhor me ungiu”.

Sentir-se ungido ou consagrado pelo Senhor é uma consequência de saber-se tocado pelo Espírito ou possuído pelo carisma. E a maneira de reconhecer essa consagração é entrar em comunhão com outros que possuem o carisma. Na história da Vida Religiosa, a entrada na comunidade e a correspondente aceitação por parte desta tem sido a maneira de reconhecer-se e ser reconhecido como consagrado, antes de qualquer um dos ritos que, ao longo do tempo, foram estabelecidos para marcar e celebrar a consagração.

De modo semelhante, os leigos agraciados pelo carisma o manifestam integrando-se à família carismática, em seus dinamismos e estruturas de comunhão. A consagração batismal encontra aqui um caminho de amadurecimento, de perfeição no amor segundo o próprio estado de vida.

Pode haver maneiras rituais, gestos de aliança, expressões na forma de promessas ou votos para os leigos que se sentem chamados a expressar sua consagração dessa maneira na Família Carismática. Mas nenhum desses gestos consagra, assim como os ritos religiosos ou os votos não consagram aqueles que os fazem⁹. Eles são sinais que anunciam publicamente o que já está sendo vivido por meio da integração na Família, na comunhão e na missão.

Cada gesto equivale, de certa forma, à afirmação que Jesus faz diante dos vizinhos de Nazaré depois de ler o texto de Isaías que Ele já está encarnando: *“Hoje se cumpriu esta profecia diante de vocês”*. Essa proclamação não faz com que Jesus seja mais ou menos consagrado, mais ou menos enviado. Mas é um sinal de alerta com o qual Ele anuncia publicamente sua consagração, seu envio e seu compromisso com a proclamação do Reino aos mais pobres, e esse é o sinal que provoca espanto, surpresa e uma reação de oposição em alguns, ou em outros a decisão de aderir ao caminho apontado por Jesus.

9 “A consagração precede os votos, abraça-os e os supera existencialmente”. CIVCS-VA, Identidade e Missão do Irmão Religioso na Igreja. Roma 2015, 18.

3. A volta às periferias, fonte de vida

Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres... (Is 61,1b)

Avocação que o profeta proclama no centro de sua mensagem, e na qual ele atribui toda a iniciativa a Deus, é inseparável da missão, que dá sentido e justifica essa mesma vocação. A missão é notavelmente seletiva: seus destinatários diretos não são todas as pessoas em geral, mas também não são os mais religiosos ou os mais fiéis, mas os mais fracos do povo, os que mais sofrem, os últimos: *“Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres, para curar os de coração aflito anunciar aos cativos a libertação, aos prisioneiros o alvará de soltura”* (Is 61, 1b).

Este anúncio seletivo não é novidade no contexto de sua mensagem, pois coincide com a proposta que ele faz ao povo em nome de Deus e com a qual ele o exorta a rever a sua religiosidade: *“Se entregares ao faminto o que mais gostarias de comer, matando a fome de um humilhado, então a tua luz brilhará nas trevas, o teu escuro será igual ao meio-dia”* (Is 58, 10). A atenção aos últimos se converte em uma fonte de luz. Em sintonia com os dois profetas que o precederam – o Primeiro e o Segundo Isaías – o Terceiro Isaías também não deixa margem para dúvidas sobre o que Deus espera de seu povo, o que o satisfaz, o que causa sua glória: *“Hospedar na tua casa os pobres sem destino? Vestir uma roupa naquele que encontras nu e jamais tentar te esconder do pobre teu irmão? Ai, então, qual novo amanhecer, vai brilhar a tua luz, e tuas feridas hão de sarar rapidamente. Teus atos de justiça irão à tua frente e a glória do SENHOR te seguirá* (Is 58, 7-8).

Fonte de luz e de sentido

É no mínimo chocante que estejamos nos referindo às “periferias” como uma fonte de luz e significado. O Papa Francisco frequentemente usa esse termo para expressar o desafio permanente da Vida Consagrada, a de não permanecer fechada em si mesma e de encontrar a justificativa para sua

própria existência. Mas ele também o usa para propor esse desafio à Igreja como um todo, porque a opção pelos pobres pertence a toda a Igreja. “É por isso que eu quero uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar” (Evangelii Gaudium, 198). Essa opção não tem alternativa, e Francisco enfatiza isso fortemente na Fratelli Tutti, tomando como referência a parábola do Bom Samaritano: “Ela nos revela uma característica essencial do ser humano, tantas vezes esquecida: fomos feitos para a plenitude que só se alcança no amor. Não é uma opção viver com indiferença diante da dor; não podemos permitir que ninguém seja deixado ‘à margem da vida’. Isso deve nos deixar indignados, a ponto de nos tirar de nossa serenidade para ficarmos perturbados com o sofrimento humano. Isso é dignidade” (FT 68).

A *periferia* está associada ao distante, ao inseguro, às margens, às fronteiras, às áreas empobrecidas, aos resíduos da sociedade. E ainda mais longe, rompendo os limites da periferia, estão os descartados, os excluídos, as sobras, aqueles que não contam e não pertencem à sociedade e devem ser escondidos a todo custo (cf. EG 53).

Jesus Cristo, nascido na periferia, se identifica com eles: “Eu estava com fome, e me destes de comer” (Mt 25, 35s), “e ensinou que a misericórdia para com eles é a chave do céu” (EG, 197). Eles são a fonte da evangelização. O contato com eles diminui nossos problemas internos, nos revela o valor do simples, nos mostra o Cristo sofredor na variedade e profundidade do sofrimento humano, nos confronta com nossa identidade cristã como mediadores do amor e da salvação daquele que se proclama Deus dos pobres. “O amor finalmente nos coloca em tensão em direção à comunhão universal. Ninguém amadurece ou atinge sua plenitude isoladamente. Por sua própria dinâmica, o amor exige uma abertura crescente, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim que integra todas as periferias em direção a um senso pleno de pertença mútua. Jesus nos disse: ‘Todos vós sóis irmãos’” (Mt 23, 8; FT, 95).

Foi do encontro de nossos fundadores com as periferias que nasceu grande parte dos Institutos. E cada vez que se afastavam delas, perdiam a sua razão de ser, ficavam fechados em seus próprios problemas e em uma suposta espiritualidade feita de ritos e formas vazias e desencarnadas, deixavam de ser sinais para a Igreja e se tornavam inúteis. O carisma é desprovido de sua

força de atração para a realidade dolorosa da humanidade e se torna uma ideologia que é usada para justificar e mascarar a placidez institucional.

A Família carismática assume isso como parte essencial de seu projeto de identidade, seguindo o impulso de seu carisma: o retorno às periferias, reconhecendo-as como fonte de luz, de vida e de sentido, e não apenas com uma atitude assistencialista. *“Nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou programas de promoção e assistência; o que o Espírito mobiliza não é um transbordamento ativista, mas, antes de tudo, uma atenção aos outros, “considerando-os como um conosco”* (EG, 199).

“O verdadeiro amor é sempre contemplativo” (idem). É essa atenção contemplativa que nos permite descobrir o pobre em todo o seu valor, *“em sua própria bondade, em seu modo de ser, em sua cultura, em seu modo de viver a fé”* (id.), e se torna uma revelação para nós. Po isso, a primeira preocupação não será correr em uma atividade frenética para solucionar as necessidades que nos instigam. *“Muitas vezes é mais uma questão de desacelerar, de deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou de renunciar às urgências para acompanhar aqueles que são deixados à beira da estrada”* (EG 46). Os sinais que devemos dar são aqueles que nos levam a entender a vida como um tempo de encontro: *“Com seus gestos, o Bom Samaritano refletiu que a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é um tempo que passa, mas um tempo de encontro”* (FT 66).

Como sempre, o mais fácil será manter as estruturas assistenciais herdadas da instituição religiosa, e talvez em muitos casos isso seja o mais eficaz. Mas será necessário colocar em primeiro lugar a *atenção contemplativa*, que nos liberta de cair no assistencialismo, nos desperta para estar em sintonia com os pobres, nos faz descobrir o seu mistério, nos coloca em atitude de discernimento e estimula nossa criatividade para buscar novas respostas: *“Peço-lhes que busquem comunitariamente novas formas de acolher esta proposta renovada”* (EG, 201). Essa é a solidariedade encarnada pelo Bom Samaritano: *“A parábola nos mostra como uma comunidade pode ser reconstruída através das iniciativas de homens e mulheres que fazem sua a fragilidade dos demais, que não permitem que se construa uma sociedade de exclusão, mas que se tornam próximos e levantam e reabilitam os caídos, para que o bem seja comum”* (FT 67).

A Família carismática precisa se distinguir mais pela busca comunitária de novos caminhos do que por sua capacidade de manter obras de duvidoso significado evangélico no momento atual. Certamente, a contribuição dos leigos pode enfatizar a maior fluidez das estruturas, tornando possível alcançar aqueles que são menos visíveis nas áreas periféricas da sociedade, e nos pequenos sinais da vida cotidiana e das relações de proximidade com pessoas concretas. Por sua vez, os membros da Vida Consagrada têm que ser um lembrete para toda a Família de que a periferia espera por todos, e demonstrá-lo com sua disponibilidade para ir e estar nas situações e nos lugares onde outros não podem ir. E tudo isso com a consciência de que nem um nem outro têm exclusividade em nenhuma das funções.

4. O desafio de inovar a comunhão

Trarão do meio de todos os povos vossos irmãos que lá estavam
(Is 66,20)

O novo povo que o profeta anuncia, na corrente universalista que ele mesmo defende, interpretando a vontade de Deus, resulta em um grupo heterogêneo. A convivência não será fácil. É por isso que ele nos encoraja a não olhar para trás: “*Trarão do meio de todos os povos vossos irmãos que lá estavam*” (Is 65, 17), e a construir um futuro que o próprio Deus garante: “*Quem fizer casas, nelas vai morar, quem plantar vinhedos, dos seus frutos vai comer; (...) meus escolhidos vão gozar do fruto do seu trabalho*” (65,21-22).

Ele recupera imagens do Primeiro Isaías para representar a boa convivência entre povos tão diferentes: “*Lobo e cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim junto com o boi*” (Is 65, 25). E sem medo da diversidade, eles sairão em busca dos recém-chamados: “*Colocarei neles um sinal e os sobreviventes mandarei para as nações (...), para as ilhas distantes, para aqueles que nunca ouviram falar de mim e que jamais viram a minha glória. Esses irão anunciar minha glória às nações. Trarão do meio de todos os povos vossos irmãos que lá estavam*” (Is 66, 19-20). E todos esses estrangeiros serão plenamente incluídos no povo, de modo que todos os privilégios que pareciam mais reservados a uma elite tradicional do povo agora estão disponíveis para os recém-chegados: “*Do meio desses vou tomar alguns para serem sacerdotes e levitas – diz o SENHOR*” (66,21).

4.1. Dinamismo de comunhão

Cada Família carismática é chamada a se tornar um poderoso agente de comunhão na Igreja e na sociedade. Mas esse compromisso implica um desafio: desenvolver um dinamismo que crie vínculos entre a variedade de seus componentes e produza canais de encontro fora da Família, com outras

Famílias, com outros grupos eclesiais e sociais, para o benefício da missão que lhe foi encomendada.

O desafio é *innovar a comunhão*: a resposta precisa de criatividade, porque os padrões de épocas passadas não podem ser aplicados à sociedade “líquida” que predomina neste século XXI. Não basta imitar a estruturação e a pertença regularizada que caracterizaram as comunidades e instituições religiosas para dar forma ao dinamismo da comunhão que a família carismática precisa promover.

Embora possa parecer contraditório com o que foi dito, devemos afirmar: a comunidade é necessária. Sem dúvida, a família carismática deve tomar a comunidade como o centro motor e organizador de todo o seu processo de comunhão. E é aí, na constituição e no planejamento da comunidade, que se situa especialmente o desafio de inovar a comunhão.

Devemos ter em mente alguns critérios para enfrentar adequadamente o desafio¹⁰:

- Antes de mais nada, vamos separar esses dois conceitos: “*comunidade*” e “*vida em comum*”. Este último é uma forma de concretizar o primeiro, e tem caracterizado a Vida Religiosa em particular, mas com diferenças notáveis entre as várias Ordens e instituições religiosas. Comunidade não significa necessariamente “*vida em comum*”, e a última nem sempre implica a primeira. De fato, as comunidades cristãs que Lucas descreve de forma utópica nos Atos dos Apóstolos não são comunidades de vida em comum, sob o mesmo teto, mas grupos de fieis que, unidos pela fé (cf. Atos 2, 2-12), desenvolvem laços de fraternidade e comunhão; a ênfase está no fato de que “*eram uma só mente e um só coração*”, ou que “*A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma*” (Atos 4, 32). Isso é comunhão.
- O assunto nessas comunidades não se limita ao “nós”. É preciso cultivar a arte de combinar e equilibrar o “eu” com o “nós”, a autonomia pes-

10 . Ver artigo de L. BRUNI: A era da comunidade infinita. No link <https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/luigino-bruni-logica-carismatica-1>.

soal com a solidariedade comunitária, a capacidade de discernimento e decisões individuais com a integração que torna possível um projeto comum. Sem essas duas forças presentes e em diálogo na comunidade, uma das duas coisas pode acontecer: ou ela se desintegra e se rompe, devido ao puro personalismo de seus membros, ou se torna um grupo gregário que anula as diferenças e a riqueza pessoal e impede o amadurecimento dos processos vocacionais das pessoas.

- Temos que imaginar comunidades em que se dê mais atenção à abertura e ao acolhimento de quem chega de fora do que à proteção e defesa de quem está dentro. Comunidades mais preocupadas com a construção de pontes do que com a construção de muros. O esforço de imaginação terá que ser maior nas comunidades religiosas que prolongaram um modo pré-conciliar de viver “para dentro”, em uma *fuga mundi* que protegia seus membros enclausurados dos perigos do mundo ao redor.
- Devem ser comunidades em que os estímulos para cumprir ou avançar nos projetos e propostas no âmbito da comunhão, da missão ou da espiritualidade, não se busquem tanto nas obrigações e nos compromissos contraídos, mas no desejo de superar-se para alcançar novas metas, nos desafios que o presente coloca para avançar em direção ao amanhã, nas necessidades da missão que o carisma lhes propõe e, sobretudo, na renovada consciência de uma vocação com a qual o Espírito os escolhe, reúne esses irmãos e os torna responsáveis pela missão que lhes foi confiada.

4.2. Comunidades intencionais

Comunidade intencional é o tipo de comunidade que a Família carismática aspira desenvolver entre seus membros. Quando queremos enfatizar a importância do compromisso ou a intensidade dos vínculos com os quais os membros da comunidade estão unidos a ela e a forte influência que a comunidade e seu carisma têm sobre os vários aspectos da vida de seus membros, dizemos que se trata de uma *comunidade intencional*. E com isso queremos dizer que ela não se limita a ser um grupo de oração, de reflexão ou de compromisso social, mas que assume todos esses aspectos e muitos outros, integrados na *comunhão de vida para a missão*.

Para que uma comunidade seja intencional, é preciso que seus membros assumam a intenção¹¹ de construir a comunidade, seguindo a inspiração do carisma em torno desses três eixos: *comunhão, fé e missão*. Essa intenção não equivale a uma contribuição benevolente para uma causa externa, mas ao *compromisso vocacional* da pessoa: a pessoa é vocacionalmente realizada por seu envolvimento intencional na comunidade.

Sem essa intenção, a comunidade perde sua razão de ser. Ela pode ser uma equipe de trabalho, ou um local para reflexão ou entretenimento, ou um apoio afetivo, ou uma estrutura para resolver as necessidades vitais básicas de seus membros. Mas uma comunidade só será carismática, ou seja, animada por um carisma, se esse carisma estiver presente e ativo em seus membros, o qual se revela na intenção com a qual eles se unem para atingir as finalidades da comunidade.

Uma comunidade com a intenção de viver a fraternidade

Trata-se de assumir um dinamismo comunitário que primeiro cria vínculos entre as pessoas e depois, simultaneamente, se estrutura em várias formas de comunidade, de acordo com as escolhas vocacionais, os processos pessoais, as identidades... e segundo os convites que o Espírito vai nos propondo na Igreja-Comunhão. A fraternidade é projetada em uma solidariedade firme e afetuosa, como uma profecia para uma sociedade de existência líquida onde as pessoas vivem como uma “multidão de indivíduos” ou uma “multidão solitária”.

A comunidade-fraternidade é um dom a ser celebrado, cultivado e transmitido; um dom que recebemos com gratidão, um dom que compartilhamos como tarefa a ser construída com as pessoas concretas que formam a comunidade, e um dom que damos na missão. Ele nos é dado como uma semente, restando-nos a tarefa de fazê-la germinar, crescer e amadurecer, o que se constitui em um processo de *comunhão para a missão*; é o exercício

11 O dicionário da RAE define intenção como “determinação da vontade para atingir uma finalidade”.

de criar laços de fraternidade, cada vez mais fortes e profundos, além da simpatia e dos benefícios imediatos.

A preocupação dos membros de uma comunidade será fortalecer os laços de comunhão dia após dia. As estruturas comunitárias devem servir para dar expressão concreta a esses vínculos. E elas se tornam inúteis ou perniciosas quando tendem a dificultar ou substituir esses vínculos. A riqueza e a vitalidade de uma comunidade não serão medidas pela quantidade ou complexidade de suas estruturas comunitárias, mas pela intensidade e qualidade dos laços de comunhão que unem seus membros.

Uma comunidade com a intenção de escutar Deus: comunidade de fé

Uma comunidade fundada na fé e *direcionada* para Deus. Não se trata apenas de uma referência religiosa distante, mas de uma dinâmica interna que move a intenção da comunidade de buscar Deus, de se deixar animar por seu Espírito. Não se trata de uma fé de conhecimento, mas de um relacionamento com alguém vivo.

É uma comunidade de fé, sempre com a intenção de olhar além do aparente e do imediato. Sua atitude é de reler a história cotidiana à luz da fé. Ela se vê como mediadora da ação e do amor de Deus e, com essa visão, discerne a si mesma.

Por ser comunidade de fé, é uma comunidade de obediência, no sentido mais original da etimologia: “ob-audire” (*ouvir intensamente*). Ela assume o compromisso de ouvir intensamente a palavra e os sinais de Deus. É a obediência entendida como uma dimensão evangélica, própria de toda pessoa de fé, não como um voto religioso: é o compromisso de buscar juntos a vontade de Deus, de estar atentos e atentas aos apelos de Deus. Essa obediência cria comunhão e une as vontades de todos a serviço da missão comum.

Uma comunidade com a intenção de servir à missão

A atitude fiel de obediência permite que a comunidade viva desejando fazer a obra de Deus. A comunidade recebe sua missão como um grande presente de Deus, que precisa ser descoberto a cada dia. Ela acredita no plano de salvação de Deus e se sente chamada a colaborar com esse plano.

O carisma estabelece uma estreita afinidade entre a missão e a comunidade: a comunidade se deixa questionar pela missão, se vê em função da missão, desenvolve toda a sua criatividade para melhor servir à missão. A missão é a motivação de vida da comunidade.

E com essa atitude, a comunidade tenta dar uma resposta, uma resposta eficaz às interpelações que captou nos destinatários de sua missão. Sua resposta vai se concretizando através de um projeto para o qual todos os membros da comunidade contribuem.

A comunidade descobre assim seu “lugar de missão”: nele ela deve “revelar” Deus e “desvelá-lo”. Cada qual a partir de sua própria experiência do mistério cristão; não “à parte de” ou “apesar de” suas outras obrigações como cônjuge, pai ou mãe, ou membro de uma instituição religiosa, mas a partir delas e até mesmo contando com a riqueza que elas trazem.

A comunidade se torna uma memória provocativa do Deus que salva de dentro da humanidade, do Deus que se encarna nas realidades humanas mais necessitadas.

Cada membro da comunidade *se solidariza* com a missão da comunidade e se sente *responsável* por ela e por garantir sua continuidade e alcançar seus objetivos. As formas de solidariedade podem variar muito de acordo com as possibilidades das pessoas e, dentro da mesma pessoa, de acordo com a idade ou situações: algumas podem demonstrá-la por meio de sua participação direta nas diversas atividades desenvolvidas pelo projeto da comunidade; outras, como no caso dos doentes e idosos, por meio de sua oração em apoio à ação dos demais; todas, por sua abertura e atenção às necessidades

dos beneficiários, pela busca conjunta de respostas, pela análise e crítica dos planos que já estão em andamento...

O envolvimento na missão não é, portanto, definido apenas “pelo que se faz”, mas pela solidariedade e identificação, expressas de uma forma ou de outra com o ministério confiado à comunidade. O importante é promover a consciência de que, na comunidade, realizamos a missão de forma solidária, e isso se refere principalmente à concepção do projeto, ao seu discernimento e à sua avaliação na comunidade, e não à forma como as tarefas concretas são realizadas.

4.3. Participação na família carismática

O sujeito comunitário “NÓS” da Família carismática é por princípio plural, e não uniforme. Admite diversas formas de participação, com certas condições que se tornam um desafio, pois dão origem a uma tensão que deveria ser enriquecedora, mas pode ser desequilibrante quando os vínculos de integração não são bem definidos ou não são adaptados à realidade vocacional do sujeito e à sua situação vital.

O que está incluído nesse “NÓS”? Uma pluralidade de indivíduos que pertencem a diferentes grupos (sociais, religiosos, esportivos, políticos, de compromisso social...): alguns optaram pelo celibato, outros pelo casamento. Para alguns, sua vida (e agenda) é marcada por exercícios e práticas comunitárias; para outros, por uma ampla variedade de envolvimento familiar, social...

Como esse “NÓS” é construído? Como as individualidades que o compõem se combinam ou se integram para dar origem ao sujeito comunitário? Ele não é o simples resultado de uma soma de sujeitos individuais, mas o fruto de um relacionamento no qual se combinam o sentimento de pertencermos uns aos outros, a experiência de *solidariedade* mútua baseada na comunhão em um *espírito comum* e a *corresponsabilidade* por um *projeto de missão comum*.

A comunidade é o lugar por excelência para a edificação do sujeito que compõe a Família carismática, tanto do indivíduo quanto da comunidade. Os vínculos de pertença ou de participação com os quais cada pessoa decide se unir à comunidade determinarão a força e a consistência do “Nós”. Pode ser um *vínculo de pertença profunda*, se a pessoa assumir o projeto comunitário como prioridade e fizer dele um lugar de discernimento das escolhas pessoais. E será um *vínculo de participação* seletiva se a pessoa aderir apenas parcialmente ao projeto da comunidade e participar ocasionalmente das práticas comunitárias.

Os laços de pertença profunda proporcionam coesão ao núcleo interno da comunidade. Nesse núcleo, é a pessoa inteira que está envolvida; há interdependência mútua, e a solidariedade vai além do ganho imediato. O carisma fundacional precisa dessa comunidade central para ser transmitido.

Mas também a existência de um círculo de membros que participam seletivamente dá à comunidade outras visões, abrindo-a para outras preocupações e outros horizontes, e a ajuda a não se fechar em si mesma¹².

12 Para uma ampliação desta seção, consulte Botana, A., Voltar ao mundo para a missão que nos convoca. Coleção Frontera-Hegian, 101, pág. 81-84.

5. Um projeto de espiritualidade para o mundo

Sobre as tuas muralhas, Jerusalém, pus guardas a te vigiar, eles vigiam noite e dia, todo o tempo, sem descanso. Vós que sempre celebrais o SENHOR, não tenhais descanso (Is 62,6)

Em todo o livro de Isaías há um forte apelo a uma espiritualidade que não se reduza a mero ritualismo, mas que venha de dentro, que seja acompanhada de justiça, que busque os caminhos do Senhor e ouça sua palavra. O Terceiro Isaías reforça esse chamado profético na forma de denúncia, desafio e promessa. É necessário que as pessoas que estão sendo formadas estejam alicerçadas em um relacionamento com Deus que não as desobrigue, mas que as vincule ao seu relacionamento com o próximo e, especialmente, com os mais necessitados. *“Em lugar elevado e santo eu moro, mas também ao lado do massacrado e do humilde”* (Is 57, 15). *“Acaso o jejum que eu prefiro não será isto: soltar as cadeias injustas; desamarrar as cordas do jugo; deixar livres os oprimidos, acabar com toda espécie de imposição? Não será repartir tua comida com quem tem fome?”* (58, 6-7).

Alguns têm a tarefa especial de ser memória para o povo, de mantê-lo ciente das promessas de Deus: *“Sobre as tuas muralhas, Jerusalém, pus guardas a te vigiar, eles vigiam noite e dia, todo o tempo, sem descanso. Vós que sempre celebrais o SENHOR, não tenhais descanso”* (Is 62, 6). O lembrete central, aquele que deve ser o fundamento da religião que o povo deve praticar, é o amor do Senhor por eles: *“Quero lembrar os benefícios do SENHOR, celebrar os louvores do SENHOR, por tudo o que fez em nosso favor”* (Is 63, 7). E, apesar da denúncia do profeta sobre a infidelidade do povo, a ênfase está na misericórdia de Deus; será um relacionamento filial e de confiança: *“Mas, agora, Senhor, tu és o nosso pai! Nós somos o barro, tu és o nosso oleiro! Somos, todos nós, trabalho de tuas mãos”* (65, 7).

Janela aberta à espiritualidade

As famílias carismáticas nascem na Igreja-Comunhão com um projeto de espiritualidade para seus próprios membros, mas com a ambição de ser uma lembrança para os outros fieis e também um sinal para o mundo: sentinelas nas muralhas, segundo a expressão de Isaías (cf. Is 62, 6). Elas assumem o desafio que vem de um mundo que se fecha para a transcendência e, ao mesmo tempo, tem uma necessidade angustiante de significado, plenitude e salvação.

As Famílias carismáticas enfrentam o desafio, que se constitui em uma urgência, de elaborar uma espiritualidade *“para o mundo”*, tanto para os leigos como para os religiosos: uma espiritualidade capaz de nos fazer sentir que somos parte deste mundo criado e amado por Deus, redimido por Jesus, renovado e santificado pelo Espírito; uma espiritualidade capaz de nos fazer ver este mundo e a humanidade que o construiu, como a mediação através da qual Deus se revela a nós dia após dia, e na qual Ele quer estabelecer o seu Reino usando-nos como seus instrumentos.

Toda família carismática quer ser, para este mundo, uma janela aberta para a espiritualidade. Uma janela aberta, não uma tela, ou seja, o que ela mostra deve ser crível, porque não é uma simples projeção de imagens virtuais, mas uma referência do que está sendo experimentado na vida, nos relacionamentos, na doação.

O que antes era responsabilidade da Vida Religiosa, de encontrar as palavras e os símbolos com os quais damos sentido à nossa relação com o mundo e com Deus, hoje é a Família carismática que deve exercê-la de forma compartilhada entre todos os seus membros. Mas são os leigos os mais urgidos a encontrar, a partir de sua experiência da realidade cotidiana nas estruturas sociais mais comuns, as formas culturais e linguísticas que sejam inteligíveis para o mundo contemporâneo e mostrem uma espiritualidade essencialmente relacional, uma busca por um Deus que nos ama e vai ao nosso encontro, e não tanto um conjunto de regras, ritos e práticas.

Uma espiritualidade para a missão

O que impede que uma Família carismática se reduza a uma organização de serviços assistenciais é, precisamente, o carisma fundacional, que oferece às pessoas que dela fazem parte um horizonte que vai muito além da satisfação das necessidades humanas básicas.

Historicamente, a Vida Religiosa foi muito apreciada pelos serviços assistenciais que prestou à sociedade, respondendo às muitas necessidades das pessoas, especialmente as dos pequenos e dos mais abandonados. Ensinar os ignorantes, curar os doentes, abrigar os sem-teto... são pedras que foram usadas para construir caminhos de humanidade. Mas a Vida Religiosa não tem sido apenas “colocar pedras”.

Os carismas fundacionais ajudaram as pessoas consagradas a fixarem o olhar no horizonte e, com essa tensão no olhar, se tornaram engenheiras da estrada. Sua preocupação final não era a lição que ensinavam, ou a ferida que curavam, ou a solidão que acompanhavam, mas que cada uma das pessoas de quem cuidavam chegasse à sua plenitude, descobrisse e saboreasse sua dignidade de pessoa, sentisse dentro de si a força e a vitalidade do amor de Deus e se tornasse intermediária desse amor pela humanidade. Essa é a espiritualidade da missão. A pessoa se descobre como mediadora do amor de Deus.

É esse dinamismo do olhar, proporcionado pelo carisma fundacional, que a Vida Religiosa deve compartilhar com toda a Família carismática. Sua função é fornecer sinais proféticos que indiquem caminhos de humanidade e apontem para a dignidade da pessoa como filha de Deus.

6. O futuro das famílias carismáticas

Todos estes foram reunidos para virem a ti (Is 60,4)

O ponto culminante do Terceiro Isaías oferece a visão de um novo povo que ultrapassa as fronteiras do antigo Israel, formando uma grande comunidade onde os estrangeiros poderão integrar-se sem serem discriminados. É o Senhor quem reúne, congrega e guia com seu espírito todos quantos responderam ao seu chamado: “*Venho reunir todos os povos e línguas e virão admirar a minha glória*” (Is 66, 18). A peregrinação mencionada no início do livro (cf. Is 2, 2-5) retorna aqui como uma imagem para reforçar o objetivo para o qual o povo com o qual Deus está refazendo sua aliança se tornou, e isso será garantido pelo Espírito que o Senhor incutiu naqueles que agora estão ali, e continuará com seus descendentes: “*E esta será a minha aliança pessoal com eles, diz o SENHOR: “O meu espírito que está em ti e minhas palavras que pus em teus lábios de teus lábios jamais se afastarão, nem dos lábios dos teus filhos e dos filhos dos teus filhos. – disse o SENHOR, agora a para sempre”. A nova glória de Jerusalém*” (Is 59,21).

6.1. “Abraçar o futuro com esperança”

Esse foi o terceiro objetivo proposto pelo Papa Francisco para o Ano da Vida Consagrada de 2015¹³. Uma esperança, acrescentou Francisco, “*que permitirá que a Vida Consagrada continue a escrever uma grande história no futuro*”. Uma grande história? Para aqueles que continuam a olhar para a Vida Religiosa ou para o próprio Instituto de maneira autorreferencial, no estilo da Igreja pré-conciliar, essa “grande história” só pode ser uma repetição dos tempos gloriosos do passado, das grandes instituições religiosas que realizavam grandes obras apostólicas por conta própria.

13 Carta de FRANCISCO. A todos os consagrados por ocasião do ano da Vida Consagrada (21/11/2014), I.3.

Mas não se trata de uma nova edição do passado. O futuro para o qual, nas palavras de Francisco, *“o Espírito Santo está nos conduzindo para continuar fazendo grandes coisas conosco”*, se situa no contexto da Igreja-Comunhão. E é nesse ecossistema que ela recuperou o terreno comum, onde a missão é única e compartilhada, e reuniu o tesouro comum que inclui os carismas fundacionais, onde somos chamados a *“continuar escrevendo uma grande história”*, não mais com a Vida Religiosa sozinha, mas ao lado de muitos outros fieis que participam dos mesmos carismas a partir de diferentes estados de vida.

A Família carismática oferece um conteúdo real a essa *“grande história”* que já estamos escrevendo à medida que percorremos o caminho de sua construção. E é no caminho que nos fazemos a pergunta sobre o futuro. Não vamos esperar pela resposta de um vidente. Vamos construir a história de nossa própria experiência coletiva, contrastada e discernida, e fixemos nossos olhos no horizonte à medida que avançamos.

Não nos enganemos tentando colocar números na Família carismática. A advertência do Papa Francisco também se aplica aqui: *“Não podemos ceder à tentação dos números e da eficiência, e menos ainda à tentação de confiar em nossas próprias forças”*. Esse futuro tem a ver com a capacidade de entusiasmar, de comunicar a vida, de edificar a Igreja, de servir à missão. Tem a ver com a capacidade de se tornar testemunho de fraternidade, de *“comunhão para a missão”*. Tem a ver com a capacidade de manifestar a beleza do Evangelho, mas também a beleza de seu próprio carisma, e de se tornar o rosto atraente da Igreja.

O futuro será obra do Espírito Santo. E não sabemos quais são seus planos com os quais Ele sempre nos surpreende. Mas sabemos que Ele não fará nada sem nós, mas sim com a nossa disposição, ou melhor, com a nossa fidelidade criativa. Portanto, no que nos diz respeito, e sem questionar ou adivinhar os planos do Espírito, podemos ter certeza de que estamos preparando o futuro no presente. E é por meio do que vemos e acontece no presente que podemos, até certo ponto, prever como será o futuro. *“Examinai os horizontes da vida e o momento presente com vigilância atenta”*, nos disse o Papa Francisco na carta citada acima.

6.2. Filhas da Igreja-Comunhão

O apelo à sinodalidade que hoje ressoa com urgência na Igreja é mais um sinal de que algo está mudando, de que a imagem da pirâmide está cedendo lugar ao círculo, de forma irreversível. Neste movimento de refundação da Igreja e de recuperação dos seus fundamentos de aliança é que se situa o desenvolvimento das Famílias carismáticas. São lugares de experimentação da Igreja-Comunhão. Cada uma delas precisa ser um reflexo disso mesmo, colocando em evidência as relações entre os vários membros que constituem essa Família. São relações fraternas e complementares que se baseiam numa atitude, ou melhor, numa *“decisão profunda”* que orienta radicalmente a vida. Diremos isso também com as palavras do Papa Francisco, quando nos convida na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* a nos situarmos na missão como *“aqueles que decidiram estar com os outros e para os outros”* (EG, 273).

Cada membro da Família traz no seu coração esta convicção: *“Eu sou uma missão nesta terra, e é por isso que estou neste mundo”* (EG, 273). Reciprocamente, pode também dizer de coração a cada um dos outros com quem partilha a missão, consagrados e leigos: *“Você é missão”*.

Nesta reciprocidade e complementaridade se tecem os laços que concretizam e exprimem a decisão de *“ser com”* e *“ser para”*. Descobrimos o que somos *“juntos”*, o tesouro comum sobre o qual assenta a nossa identidade cristã; e o que somos e significamos *“uns para os outros”*, com os dons e as diferenças que nos permitem enriquecer-nos mutuamente para melhor servir a missão comum.

No centro desta relação está o carisma fundacional, vivido em diferentes formas de vida cristã. E o seu objetivo é servir a missão indicada pelo carisma, de forma corresponsável, com uma capacidade criativa para inventar novas obras e não simplesmente prolongar as herdadas do passado.

Uma imagem bem simples pode ajudar-nos a ver a essência da Família carismática, constituída como um ícone da Igreja-Comunhão: é a *casa comum* de todos quantos foram vocacionados, possuídos pelo carisma fundacional. A casa, um lugar de convivência, de comunhão, de apoio mútuo, de sonhar juntos com um mundo melhor e de transformar esse sonho em projetos

comuns, um lugar para celebrar juntos a presença de Jesus e para nos apresentarmos juntos como suas testemunhas. É uma casa e também uma escola de comunhão, assumindo o desafio que João Paulo II apresentou à Igreja para o novo milênio (*Novo millennio ineunte*, 43), porque é um lugar onde as pessoas experimentam, aprendem, compartilham um modo de ser e o transmitem às novas gerações.

Essa casa comum não coincide com o Instituto religioso, que supostamente tornou suas margens mais flexíveis ou “elásticas”, com a finalidade de abrir espaço para a participação dos leigos. Tampouco equivale a uma coroa circular em torno do Instituto religioso: como um espaço separado no qual se colocam os leigos que vêm participar do carisma e onde se mantém sua dependência dos religiosos, bem como a separação da vida religiosa da vida laical. Ambos os esquemas são claramente autorreferenciais, e tentam prolongar um passado que não corresponde mais à Igreja-Comunhão.

É a casa comum na qual convivem e se integram os Institutos de religiosos e religiosas e os grupos de leigos. É uma casa nova, ainda em construção. As divisórias estão sendo construídas e reconstruídas à medida que a relação entre seus habitantes vai progredindo, que vão compartilhando a missão, aprendendo a discernir juntos e realizando projetos comuns. Os cômodos comuns estão sendo definidos, assim como aqueles que são específicos de uns e de outros. As identidades e as diferenças não são apagadas, mas tudo o que os une vai ficando claro, e eles se complementam para promover juntos a missão que foi encomendada à sua casa.

6.3. Animação corresponsável da Família carismática

Nos referimos agora à coerência com o que temos afirmado sobre a participação no carisma, sobre tornar-se corresponsável pela missão, sobre viver a comunhão baseada na solidariedade e na complementaridade. A Família carismática não pode aceitar a dependência de um grupo em relação a outro, dos leigos em relação aos religiosos, ou das mulheres em relação aos homens. A animação da Família em tudo o que é comum deve ser corres-

ponsável, e para isso o exercício da animação precisará de estruturas que permitam a participação dos diferentes grupos que a compõem.

É habitual e compreensível que as Famílias carismáticas que têm sua origem em um Instituto religioso comecem seu percurso fazendo uso das estruturas que lhe são próprias e que estão sujeitas a regulamentos canônicos: Capítulos Gerais e Provinciais, Conselhos e outros. Os leigos são convidados a participar dessas estruturas, no todo ou em parte, mas não podem fazê-lo com voz e voto iguais aos dos representantes religiosos. Chega um momento em que é preciso escolher se colocar no novo para criar o que o novo necessita.

Recorramos à terminologia usada por Jesus (cf. Lc 5, 37-39): é preciso fabricar odres novos para o vinho novo, e ao mesmo tempo os odres velhos devem ser ajustados para dar lugar aos odres novos.

Vamos primeiro esclarecer essa terminologia que nos vem do Evangelho, nesse contexto:

- *Odres velhos* são as estruturas que correspondem à instituição religiosa. Em si, não é um conceito pejorativo. Trata-se dos odres que permitiram que um vinho amadurecesse. Um bom vinho foi produzido graças a esses odres.
- *Odres novos* são as estruturas que facilitam um novo relacionamento entre religiosos e leigos na partilha do carisma e da missão. São odres para um vinho novo, de um novo tempo, de uma Igreja-Comunhão. Com a expressão “vinho novo” nos referimos aos leigos que passam a participar dos carismas fundacionais de uma forma nova, mas também ao relacionamento que é criado entre leigos e religiosos nessa nova situação.

Precisamos de *odres novos* para permitir que o vinho novo amadureça. A nova situação precisa ser organizada dentro dos parâmetros da Igreja-Comunhão.

Criação de odres novos

Trata-se de desenvolver estruturas (colegiais e pessoais) de discernimento, coordenação e tomada de decisões nas quais leigos e religiosos possam participar em igualdade de condições. O tipo de estruturas dependerá do tipo de missão, da extensão e da complexidade dos trabalhos; mas todos os níveis e graus da missão devem ser levados em consideração.

Ao estabelecer as novas estruturas com as novas pessoas incorporadas à missão, não se trata de duplicar as estruturas que o Instituto possui para seu funcionamento. Valorizemos e fortaleçamos a capacidade dos leigos de ver a realidade com novos olhos, de discernir os apelos do carisma e os convites do Espírito com uma nova sensibilidade. Por essa razão, a organização dos odres novos deve facilitar os encontros interpessoais, a escuta mútua e o discernimento compartilhado.

A mesma observação se aplica à autoridade dessas estruturas no interior da Família carismática. Não se trata de uma autoridade “sobre” a Família, mas de dentro da Família. Não é colocada em termos jurídicos, mas em termos de comunhão no carisma. Da mesma forma que o relacionamento dentro da Família carismática não se dá em termos jurídicos, mas em termos de comunhão no carisma para a missão.

É por isso que a autoridade dessas estruturas não precisa criar conflito com as do próprio Instituto religioso. Não é do mesmo tipo. A autoridade, por exemplo, da assembleia geral de uma Família carismática, ou da assembleia de uma área equivalente à província religiosa não é equivalente nem substitui a do Capítulo Geral ou Provincial do Instituto ou dos Institutos integrados à Família em questão. Tais assembleias, constituídas por representantes dos grupos e instituições que compõem a Família, devem cumprir as funções de comunhão no carisma fundacional; são fóruns para compartilhar experiências e para discernir os apelos e as respostas que o carisma suscita na missão.

Sua autoridade vem de sua capacidade de iluminar e orientar os caminhos a serem seguidos pela Família carismática. É, portanto, uma autoridade moral, como uma luz que se impõe por si mesma quando ajuda a ver o

caminho, e deve integrar essas duas qualidades, como linhas de força que movem cada assembleia: fidelidade e criatividade. Dessa forma, ela pode ser descrita como autoridade profética. O discernimento que elas fornecem deve ser colocado em prática nos órgãos de tomada de decisão desses grupos e instituições.

O que acabamos de dizer não se opõe; ao contrário, exige que as novas estruturas assumam funções que até agora eram apenas do Instituto religioso e se tornem comuns a toda a Família. É o que vamos ver a seguir.

Adaptação dos odres velhos

Os odres novos não funcionarão se não tiverem um espaço adequado, ou seja, se o campo das atribuições que lhes são conferidas ainda estiver ocupado pelos odres antigos. Será preciso adaptar ou ajustar as estruturas de discernimento, de coordenação e de tomada de decisões próprias do Instituto religioso (Capítulos, conselhos, equipes de animação...), que até o início da missão compartilhada eram encarregadas de administrar tudo o que se referia à missão; embora reservando as decisões finais em tudo o que corresponde ao patrimônio do Instituto, elas devem ceder ou delegar às novas estruturas da missão compartilhada as funções que assumem.

Portanto, no momento em que a Família carismática começa a tomar forma e, com ela, os novos odres para a sua animação e coordenação, começa também o processo de migração dos móveis, ou seja, dos temas que foram objeto de discernimento e decisão nos organismos de animação e governo próprios de um Instituto que caminha sozinho, para os organismos de uma Família carismática que contém o Instituto. Não se trata de uma transferência indiscriminada, mas de tudo o que se torna compartilhado quanto à missão, à formação, à leitura e ao discernimento dos desafios provenientes da sociedade e da Igreja, e das respostas que podem ser dadas, de forma complementar, pela Família inteira.

Mas há um segundo elemento de adaptação que deve ocorrer nas próprias estruturas do Instituto, como consequência da existência do vinho novo e

no interesse do Instituto e da vida religiosa de seus membros: é que, mesmo quando se trata de questões que afetam estes últimos, eles precisam da contribuição daqueles que já estão vivendo o mesmo carisma fundacional em outras formas de vida cristã. Eles não são mais chamados a se sentirem parte dessa Família, mas, pelo fato de fazerem parte dela, são solicitados a dar sua contribuição como especialistas no carisma.¹⁴

6.4. Uma família capaz de gerar a Vida Consagrada em seu interior

Começávamos esta reflexão nos referindo à capacidade da Vida Consagrada de gerar vida nova, quando o Espírito está vivo em seu interior. Muitas Famílias carismáticas nasceram dessa disposição e dessa capacidade geradora. Agora é o momento de encontrar a reciprocidade: uma Família que se deixa animar pelo carisma fundacional também será capaz de regenerar a Vida Consagrada dentro de si mesma. Na forma em que estava, ou em uma *nova forma de Vida Consagrada*? Não há uma resposta a *priori*, pois serão as vocações que o Espírito despertar que decidirão por uma forma ou outra, sempre em diálogo com a Família como um todo, e desta com a Igreja e seus representantes hierárquicos.

A Vida Consagrada é uma memória viva do Espírito na Família carismática: uma memória inconformista, provocadora, “perigosa” (J. B. Metz), que traz à consciência as ações de Deus, seus dons e seus apelos, e permanece ativamente aberta aos convites do Espírito (cf. VC, 33). Cada carisma fundacional tende a despertar a Vida Consagrada como força motriz do poder profético contido nesse carisma. A Vida Consagrada desperta na Família a sensibilidade às necessidades humanas e às urgências do Reino de Deus, e a torna atenta aos apelos de Deus e da Igreja. Pelo menos, essa é sua função, embora não seja sua função exclusiva.

Trata-se, portanto, de tornar presente na Família carismática a raiz que a sustenta, o Mistério ao qual deve se referir, o Plano de Deus do qual é

14 Outras sugestões sobre as estruturas que facilitem a comunhão e animação da Família carismática podem ser encontradas em Botana, A., Partilhar carisma e missão com os leigos. Coleção Frontera-Hegian, 62, cap. 5, em especial pág. 89-91.

instrumento. Além de um bom planejamento-organização-eficácia, a Vida Consagrada deve trazer ao projeto da Família sinais concretos de que o primeiro valor é Deus, o Evangelho, a fé (cf. VC, 25). Deve comunicar o hábito de interrogar-se continuamente sobre o sentido profundo da vida, o hábito de buscar Deus e descobrir a sua ação e os seus sinais na história, o hábito de ver-nos como instrumento da sua obra salvífica.

A Família carismática não pode permitir-se o descuido fatal de perder a Vida Consagrada dentro dela. Uma instituição pode desaparecer, pode perder muitas obras que, com o tempo, se revelam inúteis ou ultrapassadas. Mas será necessário que entre os que compõem a Família haja aqueles que se sintam vocacionados a proclamar com suas vidas, como uma memória que ressoa em toda a Família, a mensagem do Terceiro Isaías: “*O espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu. Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres...*” (61,1).

Pistas para reflexão pessoal e comunitária

1. Como nos dois capítulos anteriores, no início de cada seção há uma breve recensão, neste caso do Terceiro Isaías relacionado ao tema específico da seção. Propomos ler essas recensões diretamente, começando com a que abre o capítulo, e dialogar com base nelas: o que elas nos sugerem, que sinais encontramos para poder interpretar o momento que estamos vivendo, para poder reconhecer nossa história atual como uma história de salvação?
2. O que o título desta terceira parte – “*uma nova família que acolhe a Vida Consagrada*” – inspira em nós? Essa mudança de protagonismo provoca desconforto ou aceitação positiva?
 - Não é “*o movimento dos leigos em direção ao Instituto, mas o movimento do Instituto e dos leigos em direção à Família Carismática*”. O que essa afirmação tem a ver com a maneira como estamos agindo entre nós?
3. *A invenção laical do carisma*: Qual é o alcance dessa expressão no caso de nosso carisma fundacional? O que consideramos necessário e o que parece arriscado?

- “*Sentir-se consagrado, possuído pelo carisma, entrar em comunhão*”: ao longo do texto, essas três expressões estão intimamente relacionadas. Em que aspectos visíveis ou públicos essa relação precisa ser traduzida?
4. *As periferias*: Que significado concreto elas têm para nós? Quais são as periferias que aguardam nosso contato, nossa ajuda, nossa solidariedade? Como elas fazem parte de nossa oração comunitária, de nossa formação, de nossa contemplação e como estão incluídas em nossa missão?
 5. Partindo da realidade de nossa comunidade, das estruturas comunitárias nas quais nos movemos, que mudanças ou inovações precisamos incorporar para que nossa comunhão seja significativa para a Igreja e a sociedade de hoje, e para que os novos possuidores do carisma possam participar dessa comunhão?
 - Como podemos explicar, com nossas próprias palavras, que a nossa comunidade é intencional, e que a comunidade convocada por um carisma deve ser intencional, sem precisar ser também religiosa ou consagrada?
 - O que precisamos ter em conta para alcançar um equilíbrio construtivo dentro da comunidade, entre a autonomia pessoal e a solidariedade comunitária, entre o reconhecimento do “eu” e a necessidade do sujeito plural “nós”?
 6. Que elementos de nossa maneira de viver e expressar nossa espiritualidade estão favorecendo sua ocultação ou dificultando sua compreensão por pessoas que podem estar em sintonia com nosso carisma? Como podemos atualizá-la? Que aspectos de nossa espiritualidade nos ajudam a compreender melhor o significado da missão que estamos realizando?
 7. Que dados, que sinais nos permitem afirmar que já estamos abraçando o futuro com esperança? Que fatores estão influenciando para que nossa Família carismática se torne realidade e quais estão sendo obstáculos? E por parte das pessoas consagradas, há consciência e vontade de construir a Família a partir de uma relação fraterna com os leigos e em uma atitude de serviço?

- Podemos descrever o caminho que estamos percorrendo na corresponsabilidade dos leigos com o pessoal religioso da Família Carismática? Que odres novos foram criados, como eles facilitam essa corresponsabilidade e como os odres antigos ou as estruturas do Instituto religioso foram adaptadas para tornar isso possível?

BIBLIOGRAFIA

ARDANZA MENDILIBAR, M^a Isabel, *Sabiduría Cristiana de la Reducción*. Colección Frontera-Hegian 106, Ed. Frontera, Vitoria-Gasteiz 2019.

ARNAIZ, José M^a., *Por un presente que tenga futuro. Vida consagrada hoy: más vida y más consagrada*. Publicaciones Claretianas, Madrid 2003.

BOTANA, A., *Compartir carisma y misión con los laicos. La Familia evangélica como horizonte*. Colección Frontera-Hegian 62, Ed. Frontera, Vitoria-Gasteiz 2008.

Volver al mundo a la misión que nos convoca. Colección Frontera-Hegian 101, Ed. Frontera, Vitoria-Gasteiz 2018.

BRUNI, L., *La destrucción creadora. Cómo afrontar las crisis en las organizaciones motivadas por ideales*. Ed. Ciudad Nueva, Madrid 2019.

CASTELLANO, J., *Replantear el carisma y los carismas de vida consagrada desde la misión compartida: forma de vida y de misión*. En *La misión compartida*. 31^a Semana Nacional para Institutos de Vida Consagrada. Publicaciones Claretianas. Madrid 2002, pp. 131-160.

CENCINI, A., *Abrazar el futuro con esperanza. El mañana de la vida consagrada*. Sal Terrae, Bilbao 2019.

CHITTISTER, J., *Tal como éramos. Una historia de cambio y renovación*. Publicaciones Claretianas, Madrid 2006.

COZZA, R., *Ningún carisma basta por sí solo. El final de los espacios cerrados*, Paulinas, Madrid 2019.

ESTRADA, Juan A., *Religiosos en una sociedad secularizada. Por un cambio de modelo*. Trotta, Madrid 2008.

GROSSO GARCÍA, L. (ed.), *Vocación y carisma. La vivencia de las Familias Eclesiales*. Edice, Madrid 2021.

O'MURCHU, D., *Rehacer la vida religiosa. Una mirada abierta al futuro*. Publicaciones Claretianas, Madrid 2001.

POTENTE, A., *Es vida y es religiosa. Una vida religiosa para todos*. Ed. Paulinas, Madrid 2018.

RUPNIK, M. - CAMPATELLI, M., *Veo una rama de almendro. Reflexiones sobre la vida consagrada*. Ed. San Pablo, Madrid 2015.

TEJERINA ARIAS, G., *Signum Communionis. El carisma de la vida consagrada en la comunidad eclesial*. Publicaciones Claretianas, Madrid 2016.

WIRTZ, P. – GOROSTOLA, L., *¿Carismas con futuro más allá de las instituciones?* En *La misión compartida*. 31ª Semana Nacional para Institutos de Vida Consagrada. Publicaciones Claretianas. Madrid 2002, pp. 161-176.

SIGNUM FIDEI





**Irmãos
das Escolas
Cristãs**



lasalleorg

www.lasalle.org